



Cira Arqueologia

N.º 4 DEZ'15



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt



**MUSEU
MUNICIPAL** www.museumunicipalvfxira.pt

Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira





Cira Arqueologia

N.º **4** DEZ'15



**Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira**
www.cm-vfxira.pt



**MUSEU
MUNICIPAL** www.museumunicipalvfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira

PROPRIEDADE

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Museu Municipal

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Museu Municipal

COORDENAÇÃO GERAL

Fátima Roque

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

João Pimenta

TEXTOS

António M. Monge Soares, Carlos Fabião, Eurico Sepúlveda,
Gonçalo Costa, Henrique Mendes, João Pimenta, João Sequeira,
Maria de Fátima Araújo, Marisol Ferreira, Marta Santos, Pedro Valério,
Tânia Casimiro, Teresa Rita, Vincenzo Soria

REVISÃO

João Pimenta, Patrícia Ramos

CAPA

Pormenor da marca impressa (tríscele) proveniente de Chões de Alpompe. Fotografia de João Almeida

DESIGN E PAGINAÇÃO

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira DIMRP/SDPG
Patrícia Victorino

EDIÇÃO

CD-Rom | 100 exemplares

DATA DA EDIÇÃO

Dezembro de 2015

Os artigos são da inteira responsabilidade dos autores.

ISSN

2183069X

Os pesos de tear identificados nos contextos romano republicanos do Monte dos Castelinhos

MARTA SANTOS

RESUMO

Uma escavação arqueológica permite obter vários elementos, que ajudam a comprovar os acontecimentos do passado e a compreender o funcionamento de uma sociedade. Alguns elementos têm mais valor e peso que outros (estruturas defensivas, artefactos de guerra ou de carácter económico), contudo por vezes os artefactos menos valiosos levantam questões importantes para a reconstituição do passado.

Ao se ter descoberto vários elementos associados à produção têxtil durante as várias campanhas de escavação do Monte dos Castelinhos, principalmente um grande conjunto de pesos de tear com variedade tipológica, decidi desenvolver um estudo sobre estes materiais de forma a perceber a sua funcionalidade neste local e de que forma contribuem para o estudo deste sítio, para além da contribuição que este artigo poderá vir a ter para o desenvolvimento desta temática de trabalho noutros contextos arqueológicos.

SUMMARY

An archaeological dig yields several elements which help to prove the events of the past and understand the functioning of a society. Some elements have more value and weight than others (defensive structures, war artifacts or economic nature), but sometimes the less valuable artefacts raise important issues for the reconstitution of the past.

During the various digging campaigns of Monte dos Castelinhos, we have discovered various elements associated with the production of textiles, especially a large set of loom weights. We decided to develop a study of these materials in order to realize its functionality at this location and that way contribute to the study of this site.

Introdução

Desde os primórdios, a história da Humanidade está marcada por vários acontecimentos bélicos que determinaram o seu percurso. Os confrontos travados na antiguidade visavam alcançar as riquezas de um povo, nomeadamente: os terrenos agrícolas; as mulheres e o tesouro. O valor desse tesouro dependia não só das colheitas mas da produção de várias manufacturas, do artesanato produzido na cidade e do comércio. Apesar dos episódios bélicos determinarem o rumo de uma sociedade é a mão-de-obra ou os pequenos ofícios que a caracterizam e a fazem evoluir.

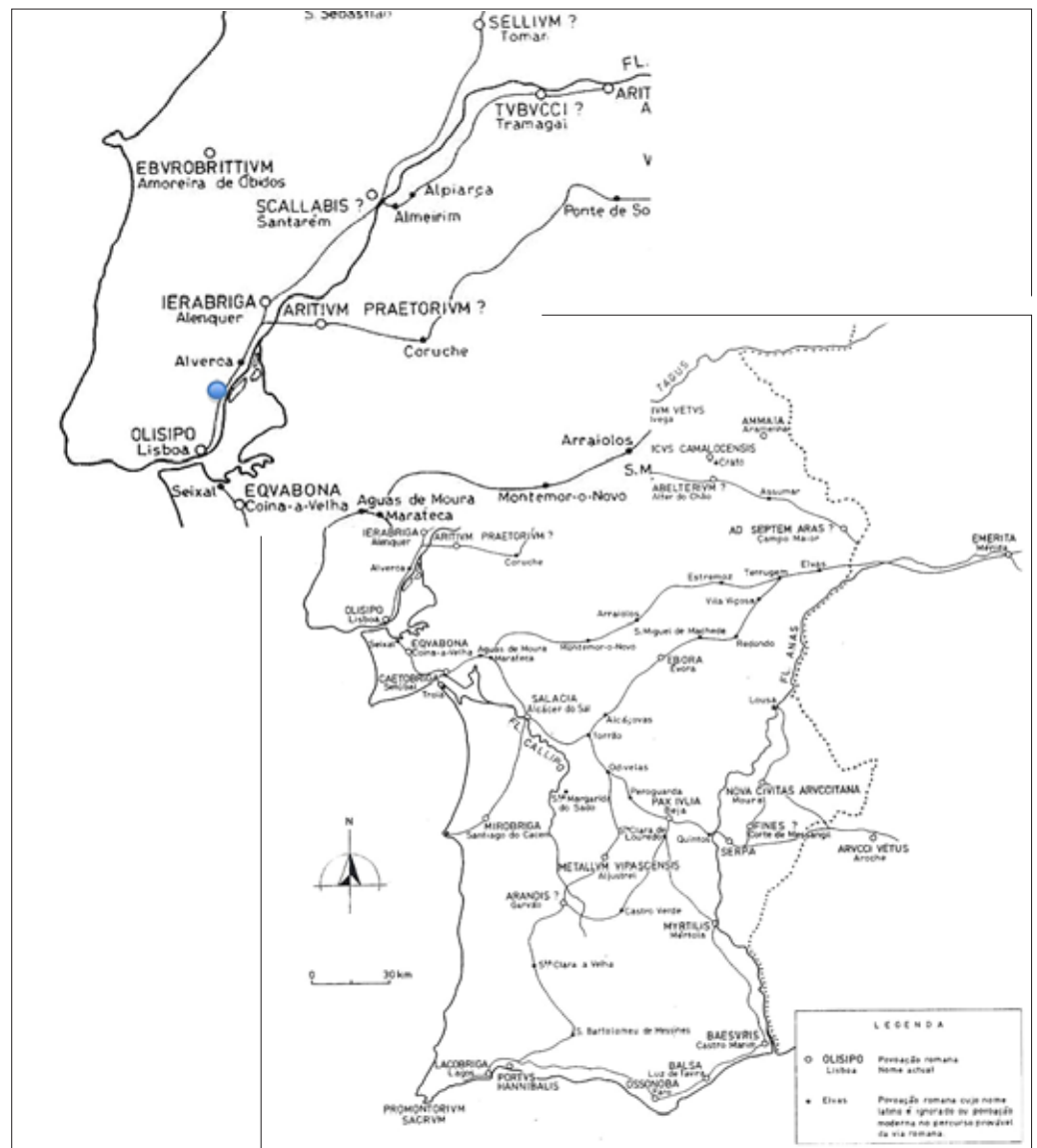
Essa evolução começou antes do aparecimento de confrontos armados com a utilização dos recursos naturais para desenvolver mecanismos de defesa e de trabalho, com a descoberta de novas formas de produção para contornar as adversidades criadas pelo clima, mais tarde com a construção de habitats e a produção agrícola. Estes marcos na evolução humana permitiram ao homem construir uma identidade cultural, estabelecer laços com outros humanos e permitir a construção do conceito de sociedade.

Com a antiguidade clássica surge-nos uma sociedade hierarquizada onde o cidadão militar, possuidor de riqueza, controlava o poder da cidade e o cidadão que dedicava o seu tempo em prol de um ofício manual e industrial era relegado para cidadão de segunda. Contudo foram estes cidadãos que tiveram um papel fundamental para o progresso social, para o crescimento económico e para o fortalecimento dos contactos inter-cidades ou inter-povos.

Actualmente o estudo desta temática apresenta algumas limitações, porque no âmbito da História, as fontes literárias com informação sobre artesanato ou produção de manufacturas são escassas e as ilustrações são insuficientes se pretendermos um conhecimento mais aprofundado. Cabe à arqueologia fornecer provas da existência dessas actividades através dos artefactos recolhidos em contextos arqueológicos e proceder ao seu devido estudo.

O objectivo deste artigo é analisar o conjunto de pesos de tear identificados nos contextos romano-republicanos do Monte dos Castelinhos, descobertos ao longo das várias campanhas realizadas, de forma a obter-se respostas para algumas das questões que esses materiais colocam para o estudo deste sítio. Qual era a funcionalidade desses materiais? De que forma eles contribuíram para contextualizar o local onde foram descobertos? Que contributo dão para

Figura 1
Mapa do território português no período Romano, com as vias terrestres e com uma ampliação que permite ver a via que une *Olisipo a Scallabis* e que passa em Vila Franca de Xira que está assinalada a azul no mapa (Alarcão, 1974, p.67).



a definição da tipologia arquitectónica presente nos sectores onde foram descobertos? O seu estudo poderá fornecer novos dados sobre a produção têxtil, durante o período romano.

Antes de analisar os materiais começa-se pelo contexto do sítio arqueológico, com a descrição da malha de ocupação romana no concelho de Vila Franca de Xira. Percebida essa malha procede-se à contextualização geográfica e histórica do Monte dos Castelinhos.

1. Contextualização do sítio arqueológico

O actual concelho de Vila Franca de Xira apresenta uma longa diacronia de ocupação humana, comprovada pela presença de vestígios arqueológicos em vários pontos do concelho. A sua localização na planície hidrográfica do Tejo é um dos motivos que permite explicar uma vasta ocupação temporal. O Tejo apresentava nas suas margens terrenos propícios à produção agrícola, mas era sobretudo uma das principais vias de navegação para o extremo ocidente peninsular, desenvolvendo-se nas suas margens uma vasta rede comercial.

Ao longo dos últimos anos de investigações e trabalhos arqueológicos no Concelho de Vila Franca de Xira, tem-se colocado a descoberto dados sobre a presença romana neste território situado entre a cidade portuária da foz do Tejo e a colónia e capital Conventual *Scallabis*. Esta área de ocupação terá tido um papel importante na época romana cujas características geográficas do concelho, permitiam a implementação de sistemas defensivos e de propriedades agrícolas, para além de que estabelecia a ligação entre o Tejo e o mundo rural do *hinterland*, através de vias secundárias, como a que existia no vale do Calhandriz (Camacho *et al*, 1996, p. 181).

Um dos sítios mais importantes, não só para o conhecimento da presença romana neste concelho mas também para o processo de romanização no vale do Tejo, é o Monte dos Castelinhos de onde provêm os materiais de estudo para este artigo. Antes de analisar o conjunto de materiais é importante fazer uma contextualização geográfica e histórica deste povoado.

1.1. Contextualização geográfica e histórica

Em termos geográficos o Monte dos Castelinhos situa-se na freguesia de Castanheira do Ribatejo, no concelho de Vila Franca de Xira.

Esta estação arqueológica ocupa uma extensão superior a 10 hectares num elevado morro calcário e apresenta uma encosta com uma elevada inclinação. As características



Figura 2
Extrato da Carta
Militar 1: 25.000 com a
localização do Monte
dos Castelinhos a
amarelo.

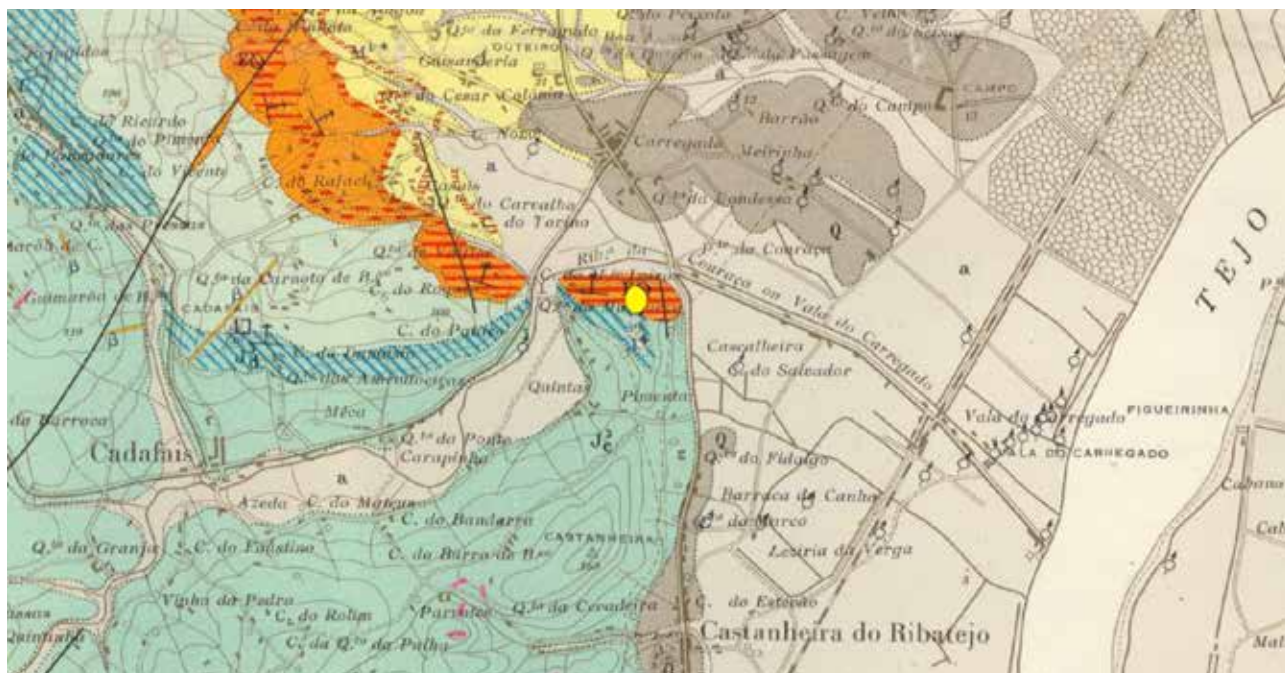


Figura 3
Extrato da Carta Geológica de Portugal 1:50.000 da folha 30-D-Alenquer, com a localização do Monte dos Castelinhos a amarelo.

da sua implementação permitiam o controlo das duas margens da antiga foz do rio Grande da Pipa, para além da visibilidade que ainda hoje tem sobre o rio Tejo que se encontra a cerca de dois quilómetros e meio de distância (Pimenta e Mendes, 2014, p.126).

Apesar das características portuárias pressupõe-se ter havido nesta altura um aproveitamento dos terrenos para a produção agrícola, não só devido à existência dessa produção no século passado, mas porque o concelho de Vila Franca de Xira durante a ocupação romana teria tido várzeas férteis, o que conduziu ao implemento de algumas *villae* (Pimenta e Mendes, 2012, p.62).

No que diz respeito à história do sítio as fontes literárias são escassas chegando-se a associar o sítio à *Ierabriga* das fontes clássicas. Contudo os dados fornecidos pelas intervenções arqueológicas realizadas nos últimos oito anos – desde as primeiras prospecções à última campanha – carecem de informação para que se possa confirmar essa associação.

Com base nos resultados arqueológico sabemos que o sítio apresenta uma ocupação pré-histórica durante o Calcolítico, à qual se segue uma primeira implementação romana no período republicano, identificada em dois compartimentos rectangulares mas cuja cronologia é uma incógnita, tendo vindo a ser substituída pela matriz ortogonal que surge na segunda metade do século I a.C. e que revela dados mais precisos sobre a presença romana neste morro (Pimenta e Mendes, 2012a, p.59).

A ocupação do morro no final do período republicano, mais especificamente na segunda metade do século I a.C., apresenta uma malha defensiva composta por duas linhas de muralhas (Pimenta e Mendes, 2012, p.55). Em termos urbanísticos o sítio apresenta uma construção de raiz de perfil ortogonal, conhecendo-se até à data três edifícios: o primeiro desenrola-se em torno de um pátio central denotando uma inspiração Itálica; o segundo, de grandes dimensões, apresenta uma planta rectangular e ainda não apresenta uma arquitectura legível (Pimenta e Mendes, 2014, p.139).

A presença de uma estrutura defensiva, tal como um grande conjunto de elementos metálicos, levantam a hipótese do sítio ter uma tipologia de cariz militar em que as escavações demons-

traram uma curta duração para esta estrutura urbanística, tendo sido abandonada de forma brusca o que poderá ter como explicação um confronto bélico. Por outro lado as escavações também demonstraram ter havido uma continuidade de ocupação nalguns sectores do Monte, durante o século I d.C. até ao início do período flaviano (Pimenta e Mendes, 2012, p.58).

Se descermos até ao sopé do Monte encontramos materiais de época tardia que atribuem uma ocupação entre o século I e VI d.C. a uma possível *Villa* na várzea do Monte dos Lóios e talvez a uma necrópole na zona da Quinta da Marquesa (Pimenta e Mendes, 2012, p.60).

Os dados sobre o que sucedeu após a presença romana no monte são escassos, apesar de Rui Parreira ter defendido que o local teria tido um papel importante durante a Idade Média.

2. Os pesos de tear do Monte dos Castelinhos

A presença de pesos de tear em contextos arqueológicos do território português, remonta à pré-história, ao momento em que o Homem começou a aproveitar as fibras vegetais e animais para produzir tecidos para diferentes objectivos.

É sobretudo com o Calcolítico que surgem conjuntos de pesos de tear espelhados um pouco por todo o país. Apesar de terem a mesma função que os pesos de tear romanos, como elemento incorporante de teares verticais, apresentam contudo características diferentes, em que a forma dominante é rectangular e em vez de um ou dois furos têm quatro em cada um dos cantos (Coixão e Naldinho, 2011, p.86).

Apesar da influência dos pesos de tear pré-históricos, assistimos a uma lacuna no tempo e no espaço entre este período e o período romano republicano, que poderá ser explicada pelas alterações tecnológicas nos teares – o tear horizontal não necessita de pesos – e à adaptação desses novos modelos no território português. Entre o século II a.C. e meados do século I a.C. o cenário inverte-se, surgindo pesos de tear em vários contextos arqueológicos do território português e encontrando-se atestado na estação arqueológica do Monte dos Castelinhos.

Essa distribuição espacial ao longo de várias estações arqueológicas, pode ser explicada pela escala que a tecnologia têxtil alcançou no sector comercial e o desaparecimento destes materiais poderá estar relacionado com a alteração para um modelo de tear vertical de duas vigas, que não necessitava de pesos para colocar em tensão os fios.

Aspectos como a suposta industrialização da tecnologia têxtil no período romano, ou os modelos de tear utilizados neste período, irão ser abordados no último tópico deste artigo sendo agora analisado o conjunto de pesos de tear recolhidos no Monte dos Castelinhos.

2.1. Análise do conjunto de materiais

O peso de tear tem como objectivo criar tensão nos fios da urdidura, sendo o elemento dos teares verticais de pesos que persiste no tempo, comprovando a existência desse tear num território. Contudo apesar de ser um elemento presente em vários contextos romanos do território peninsular – como irá ser demonstrado no fim deste capítulo – só há poucas décadas é que os arqueólogos começaram a demonstrar interesse no estudo destes materiais.

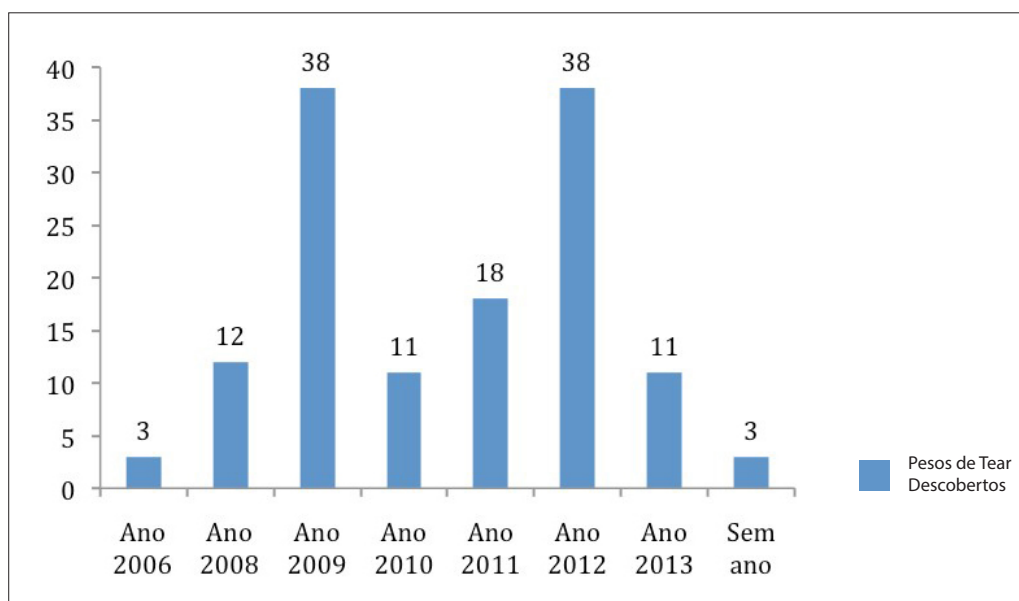
Os critérios de análise que têm sido utilizados para o estudo dos pesos de tear, consistem: na sua forma; no seu peso; no tipo de fabrico; na cronologia e nas marcas ou grafites que alguns pesos de tear podem apresentar. A base de dados, para os pesos de tear do Monte dos Castelinhos teve como base esses critérios e juntamente com os da contextualização cronológica e espacial, vai ser analisada nos próximos tópicos desta parte do trabalho.

3. Contextualização e distribuição espacial

Em termos cronológicos estes pesos enquadram-se no período romano-republicano em meados do século I a.C., apresentando por isso algumas características diferentes dos conjuntos encontrados noutros contextos arqueológicos mais tardios.

Durante as campanhas de trabalho – incluindo as prospecções – realizadas no Monte dos Castelinhos foi recuperado um vasto conjunto de pesos de tear.

Gráfico 1 Total de pesos descobertos em cada ano de trabalhos arqueológicos realizados no Monte dos Castelinhos.

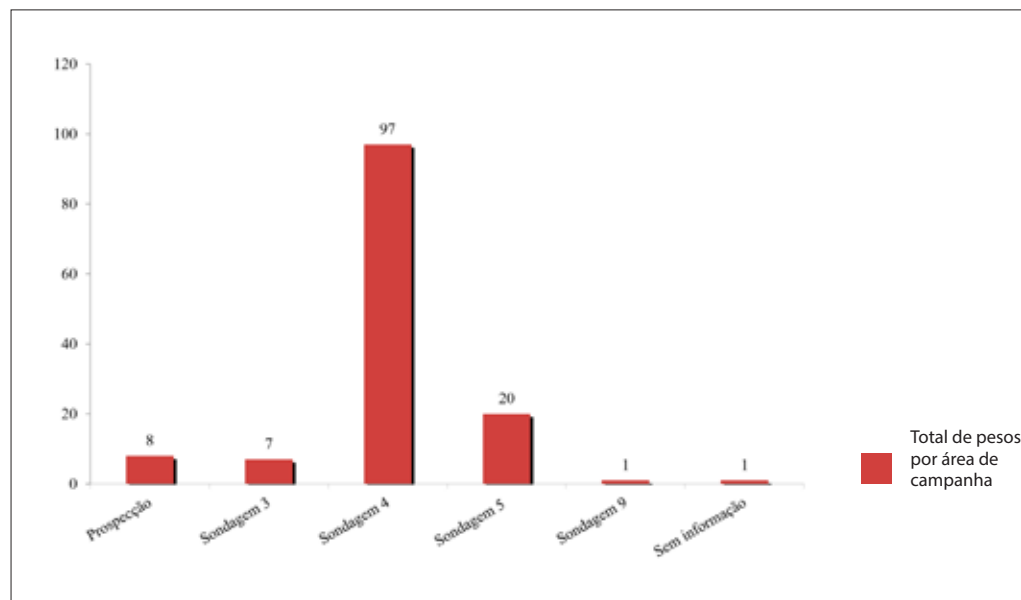


De acordo com o gráfico 1 pode observar-se que o maior número de pesos recolhidos, resulta das campanhas de 2009 e 2012, tendo 2006 apresentado o número mais baixo. Do conjunto do total dos pesos de tear, três peças não apresentam o ano de campanha.

A discrepância do número de achados nas campanhas de 2009 e 2012, face aos outros anos de trabalhos, pode ser explicada pelas áreas que foram intervencionadas, tendo sido realizada uma análise da distribuição dos achados nas várias sondagens do Monte dos Castelinhos. Do total das sondagens onde apareceram pesos de tear – a sondagem 6 não apresenta este tipo de materiais – a sondagem 4 é a que apresenta um maior número de materiais descobertos. Se tivermos em conta que no ano de 2009, terminados os trabalhos nas sondagens 2 e 3, os arqueólogos se focaram no alargamento da sondagem 4 e que em 2012, para além de ter sido intervencionada a sondagem 5 – a qual revelou vários pesos de tear – também foram realizados trabalhos na sondagem 4, poder-se-á assim explicar o elevado número de materiais descobertos nestas duas campanhas.

O gráfico 2 ilustra essa discrepância de achados na sondagem 4 (imagem 2 em anexo) face às restantes sondagens, o que pode em parte ser explicada pela tipologia das estruturas arquitectónicas que aí se encontram. No seu estado actual, esta sondagem apresenta a estrutura de dois possíveis edifícios, dos quais têm sido identificados vários artefactos arqueológicos (Pimenta e Mendes, 2012a, p.62). No que diz respeito aos pesos de tear, a imagem que se segue demonstra a dispersão deste tipo de peça, pela sondagem 4.

Gráfico 2 Pesos de tear descobertos nas áreas de campanha intervencionadas desde a prospecção à última campanha.



Como se pode observar na distribuição espacial, se tivermos em conta em que os ambientes 13, 15, 17, 23, 25, 26, 27 ainda se encontram por escavar, surgem apenas em dois ambientes – o ambiente 19 e o ambiente 20 – onde não se apresenta documentada a recolha de pesos de tear. Nos ambientes onde foram recolhidos pesos de tear, o ambiente três apresenta o maior número com um total de vinte peças, ao qual se segue o ambiente 12 com catorze, o ambiente 6 com doze e por último o ambiente 9 com oito. Os restantes ambientes apresentam entre um a quatro pesos de tear.

Importa ainda mencionar que do total dos 97 pesos de tear encontrados nesta sondagem, sete encontram-se identificados como pertencendo ao sector três, cinco não apresentam ambiente e um deles foi encontrado num dos muros das estruturas da sondagem 4. Este último elemento apresenta uma possibilidade diferente ao objectivo atribuído a estes materiais, que podiam ter sido utilizados como material de construção das estruturas, em vez de serem utilizados na tecelagem. Contudo poderá ter acontecido que após ter sido realizada a sua função na produção têxtil, o peso de tear tenha sido utilizado como material de construção, numa tentativa de responder a uma carência de tempo e a uma escassez de materiais de construção.

Esta dispersão dos achados coloca ainda questões em relação às actividades que teriam sido realizadas no interior das estruturas desta sondagem.

Na sondagem 5, apesar do número de pesos de tear ser menor do que na sondagem 4, a distribuição dos achados, demonstra uma presença em todos os ambientes desta sondagem, tal como podemos observar na planta 3.

Nesta sondagem, dos 20 pesos de tear que foram descobertos apenas 2 deles não apresentam ambiente, sendo que o ambiente 33 é o que apresenta mais peças com um total de 8 pesos de tear.

Apresentada a cronologia e a contextualização dos achados ocorridos nas várias áreas das campanhas realizadas no Monte dos Castelinhos e antes de passar à análise da tipologia das formas dos pesos de tear, é necessário observar dentro do conjunto da colecção, quantos deles se encontram completos.



Figura 4
Dispersão espacial dos pesos de tear ao longo da sondagem 4.

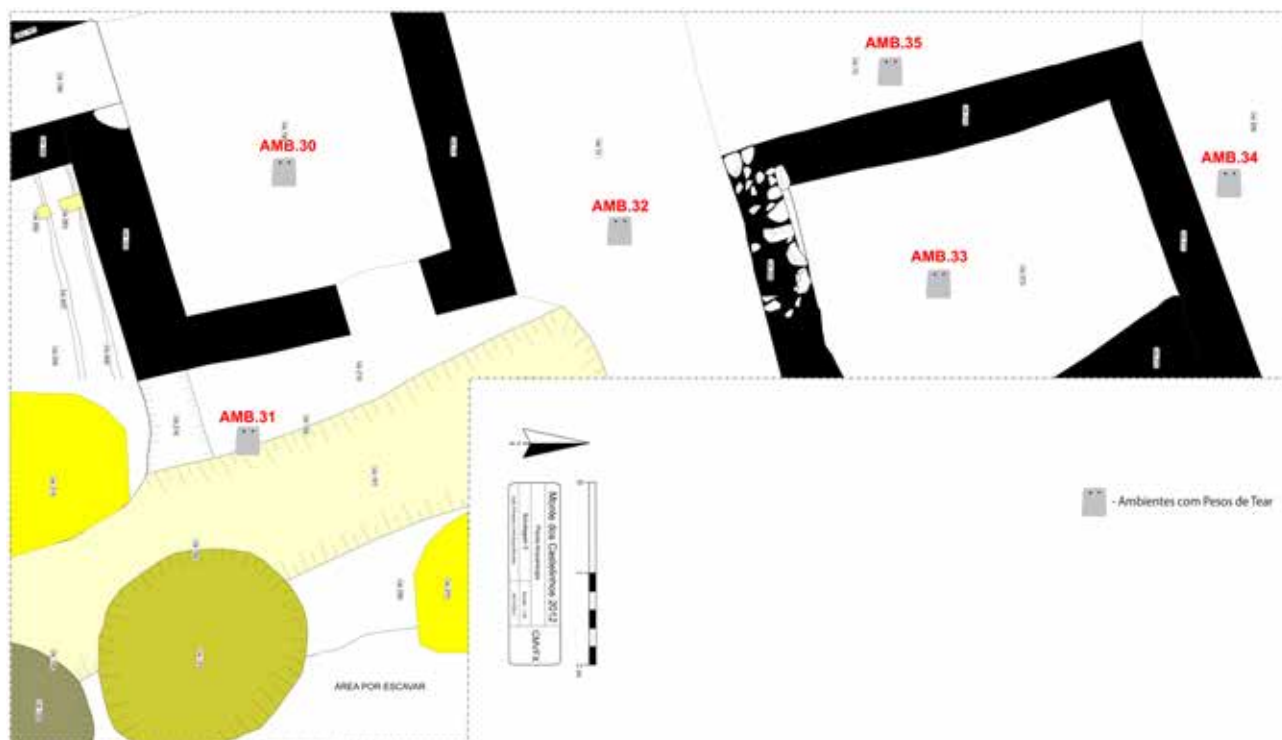
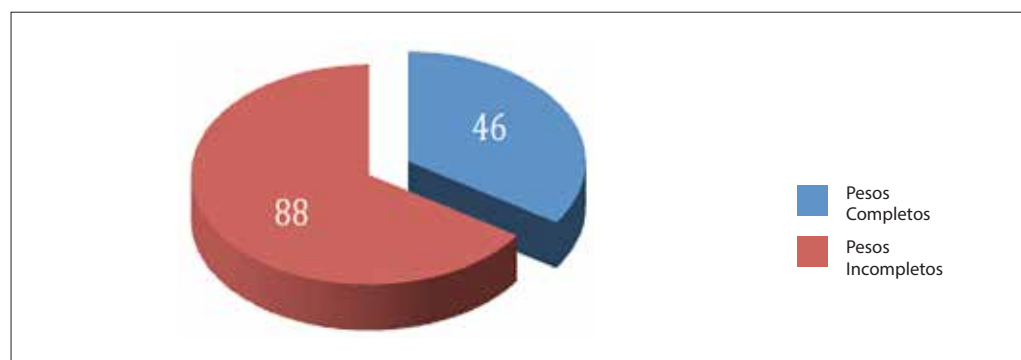


Figura 5
Dispersão espacial dos pesos de tear ao longo da sondagem 5.

O gráfico 3 demonstra que o conjunto de pesos de tear perfaz um total de 134 pesos dos quais apenas 46 se encontram completos, sendo os restantes pesos incompletos ou pequenos fragmentos. No entanto, apesar de ao longo do trabalho se ter tido em conta, para a maioria dos critérios de análise, o conjunto de pesos de tear completos, em alguns aspectos os pesos incompletos e até mesmo os fragmentos forneceram informações importantes para o estudo geral, sobretudo para a análise das marcas.

Gráfico 3 Número de pesos de tear completos e de pesos de tear incompletos, do conjunto total recolhido no Monte dos Castelinhos.

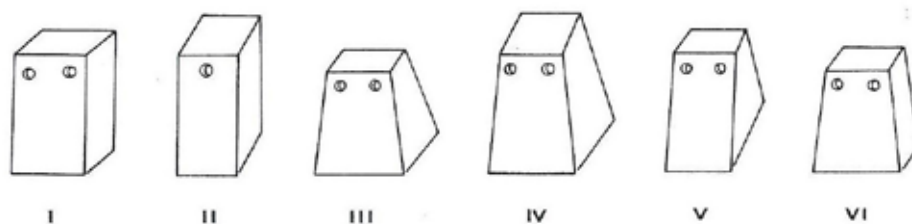


4. Tipologias das formas

No que diz respeito à forma, Fatás Cabeza definiu uma tipologia que serviu de base para a publicação do conjunto de pesos de tear identificados nas *fouilles* de Conímbriga, apesar de terem sido aqui realizadas algumas alterações a essa definição. Em Conímbriga os pesos foram divididos em seis grupos, de acordo com a sua forma e secção, tal como se pode verificar na figura que se segue.

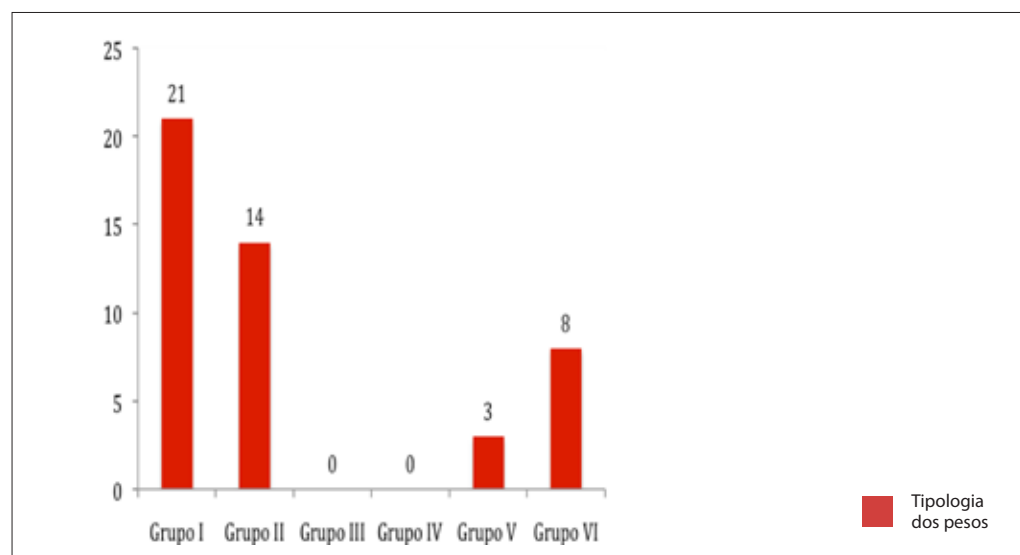
Figura 6

Grupos estabelecidos com base nas formas dos pesos de tear de Conímbriga. Imagem retirada da *Fouille de Conímbriga* (1979, p.62).



Para o Monte dos Castelinhos, apesar de ter sido criada uma nomenclatura própria para a tipologia das formas, foi tido em conta o critério usado em Conímbriga, tendo-se criado uma coluna na base de dados, onde é atribuído o grupo correspondente à tipologia de Conímbriga aos pesos que se encontram completos.

Gráfico 4 Os pesos de tear do Monte dos Castelinhos de acordo com a tipologia de Conímbriga.



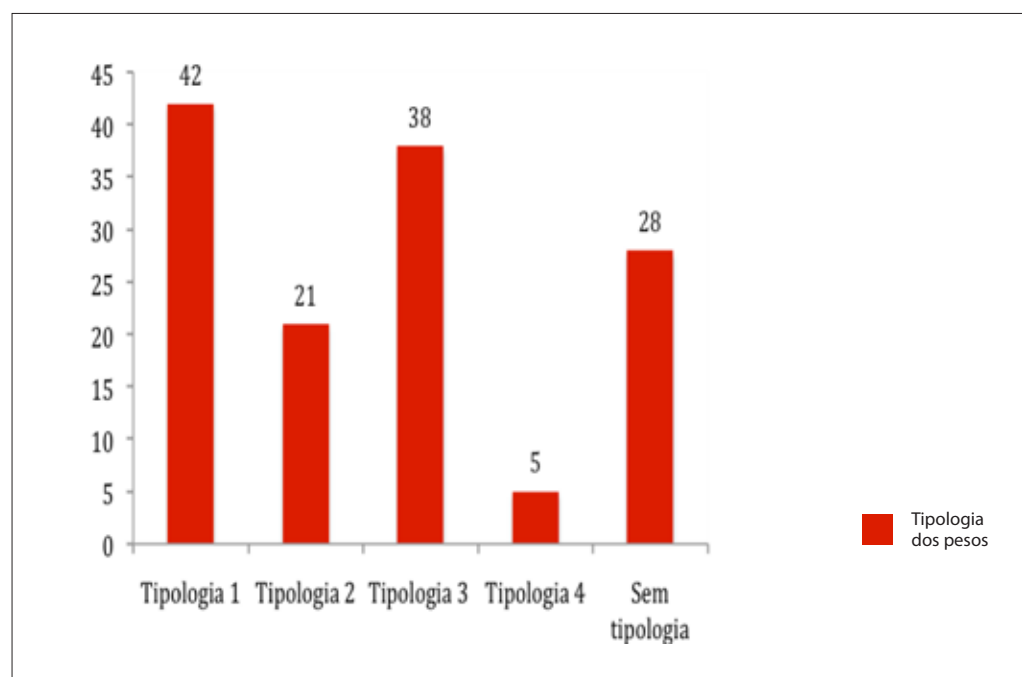
Como se pode observar no gráfico, os pesos do Monte dos Castelinhos enquadram-se em quatro grupos – I, II, V e VI – apresentando contudo diferenças nalguns dos critérios – no que diz respeito às formas das vistas e à localização dos furos – estipulados para esses grupos. Por exemplo alguns dos pesos que se enquadram no grupo 2 – o 1730, o 425 e o 1711 – apresentam uma face inferior mais estreita que a face superior, ou no caso do grupo 5 em que os pesos – como é o caso do 1492, do 599 e do 663 – do Monte dos Castelinhos apresentam apenas um furo e ainda no grupo 1, onde alguns pesos apresentam um dos lados da vista com uma inclinação acentuada face ao outro que se encontra direito, dando a impressão de que a peça se encontra torta.

Tendo em conta o tipo de pesos de tear do Monte dos Castelinhos, o critério usado em Conímbriga apresenta algumas carências, sobretudo quando se quer atribuir um grupo aos pesos que se encontram parcialmente fragmentados não se percebendo a totalidade da forma da peça. Por este motivo, optei por criar uma tipologia que responde a esse problema e que tem como base de critério não só a forma do peso, mas também o número de furos e a sua localização.

Foram assim criadas 4 tipologias, em que a primeira apresenta dois furos e as vistas onde eles se encontram representados são mais largas que a sua espessura, semelhante ao

grupo I de Conímbriga (da estampa I à III). A segunda tipologia é semelhante à primeira mas tem apenas um furo central na zona superior da vista frontal e apresenta uma grande variação de dimensões (da estampa IV à VIII). A tipologia 3 apresenta apenas um furo, em que essa vista é menos larga que as laterais do peso, sendo esta tipologia semelhante ao grupo 2 de Conímbriga. Contudo os pesos da tipologia 3 nem sempre apresentam a forma deste grupo, assemelhando-se por vezes ao grupo V mas surgindo sempre com apenas um furo (da estampa IX à XVII). A última tipologia é a que tem menos vestígios materiais, englobando os pesos com um furo, mas que apresentam grandes dimensões e onde as várias vistas da peça tem larguras ou espessura semelhantes (da estampa XVIII à XX).

Gráfico 5 Enquadramento dos pesos de tear do Monte dos Castelinhos nas quatro tipologias criadas. Para mais informação consultar a tabela nos anexos.

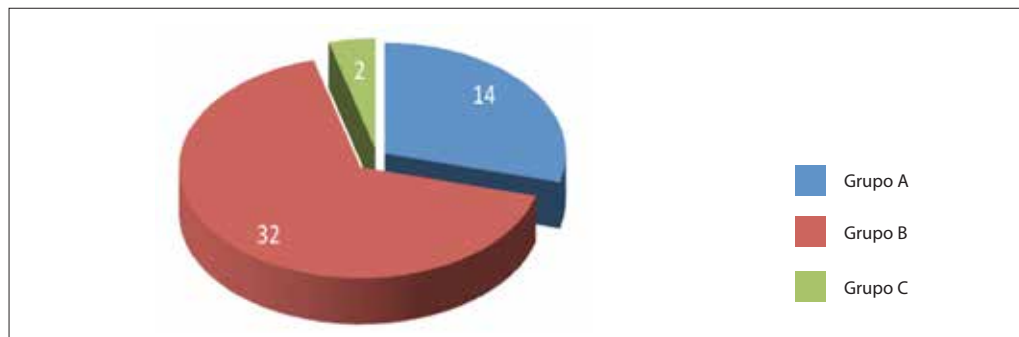


Tendo em conta o gráfico 5, é possível constatar que a tipologia 1 é a que apresenta mais pesos de tear, seguindo-se a tipologia 3 com menos 4 face à primeira. O número de pesos sem tipologia está associado aos fragmentos que carecem de informação quanto à forma e aos furos. Tal como já foi dito, os pesos da tipologia 4 – que só têm um furo e apresentam grandes dimensões – até ao momento são pouco expressivos.

O outro elemento para a análise das formas é o da dimensão ou da altura dos pesos estabelecido de acordo com o estudo do conjunto de pesos de tear de Alcácer do Sal, que se dividem em três grupos: o grupo A com menos de 85 mm; o grupo B entre os 85 mm e os 130 mm e o grupo C com mais de 130 mm (Sepúlveda *et al*, 2007, p.273). Esta categoria foi utilizada neste trabalho mas só é aplicável para os pesos que se encontram completos.

Para o conjunto dos pesos de tear completos – composto por 48 peças – e ainda para os pesos de tear em que é possível saber-se a sua dimensão, apesar de se encontrarem incompletos, pode-se constatar que o grupo B domina com um total de 32 peças face aos restantes, sendo o grupo C o que apresenta menor expressão.

Gráfico 6 Os pesos de tear do Monte dos Castelinhos divididos pelos três grupos que se referem às dimensões dos pesos de tear e cujos critérios de análise foram estabelecidos em Conimbriga e em Alcácer do Sal.



O último campo de análise no estudo das formas é o do peso das peças, que interessa abordar antes de se passar para o fabrico das pastas. Como critério de análise só é possível utilizar pesos que se encontrem completos. Pode-se assim estabelecer como mínimo as 200 gramas – o peso de tear número 580 – e como máximo as 1200 gramas – o peso de tear número 2357 – o que faz com que o valor médio para um peso de tear do Monte dos Castelinhos seja as 700 gramas.

Tendo por base estes valores de pesagem, para os pesos completos podemos retirar algumas elucidacões: a tipologia 1 apresenta mais pesos com um valor inferior à média (um total de 11 pesos de tear); na tipologia 2 não surgiram pesos com um valor superior às 500 gramas; a tipologia 3 apresenta uma maior variaão do valor de pesagem que pode ir das 300 às 850 gramas, em que o valor mais constante é o das 400 gramas e por último a tipologia 4 apesar de só apresentar um peso de tear completo, o que pesa 1200 gramas, os que se encontram fragmentados apresentam valores entre as 850 gramas e as 1000 gramas.

Estes valores, em relação à pesagem dos pesos de tear, têm de ser cruzados com o grupo das dimensões e das pastas de fabrico, que será a seguir abordado, porque surgiram pesos de tear que apesar de terem grandes dimensões, apresentavam-se como sendo leves devido às pastas com que foram fabricados.

A variaão das formas e do peso destas peças pode ser explicada pela função para a qual se destinavam. O objectivo dessas peças era criar tensão nos fios da urdidura colocada no tear vertical de pesos, em que o seu peso variava conforme o trabalho têxtil que se pretendia alcançar. Contudo os pesos de tear com maiores dimensões e peso, como os que se enquadram na tipologia 4 do Monte dos Castelinhos, poderiam estar destinados para outras funções.

5. Grupos de fabrico

Em relação ao fabrico dos pesos, após uma análise microscópica da pasta de todos os pesos de tear, foram criados três grupos:

1. Fabrico de produção regional/local:

- Apresenta uma pasta de matriz arenosa e pouco depurada, abundante em elementos não plásticos como: quartzos rolados de grandes e média dimensão; elementos ferruginosos; elementos de cerâmica moída; micas douradas e vácuos.
- A cor desta pasta varia entre o tom vermelho claro (Munsell 5YR 6/8), o tom castanho avermelhado (Munsell 10YR 6/4) e o cinzento (Munsell Gley 2 5/5PB).
- A superfície alisada do tom da pasta pode apresentar-se concrecionada.

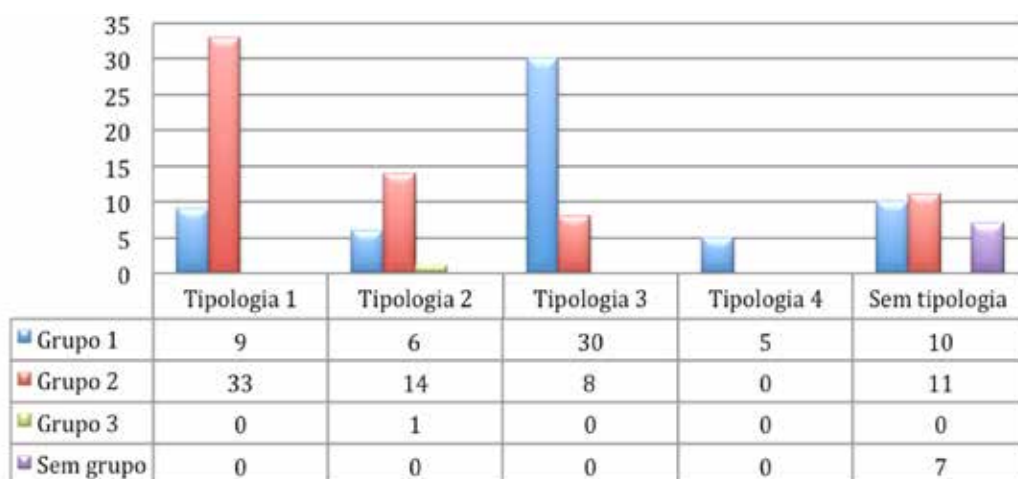
2. Fabrico de produção regional/local:

- É uma pasta compacta e depurada que apresenta os mesmos elementos não plásticos do grupo 1, encontrando-se aqui melhor distribuídos e com menores dimensões.
- A cor da pasta varia entre o tom vermelho claro (Munsell 7,5YR 8/4) e o castanho avermelhado (Munsell 7,5YR 7/3).
- A superfície evidencia uma aguada de tom bege (Munsell 10YR 8/2).

3. Fabrico de produção meridional:

- Demonstra uma pasta compacta, de matriz arenosa e com escassos elementos não plásticos como: quartzos rolados; elementos de cerâmica moída e elementos de xisto.
- A cor da pasta é de um tom castanho amarelado (Munsell 2,5Y 8/3).
- A superfície alisada encontra-se concrecionada.
- É uma importação da área da gaditana, estando este grupo atestado apenas por um exemplar: o n.º 2351.

Gráfico 7 Os grupos de materiais que se inserem nas tipologias das formas dos pesos de tear do Monte dos Castelinhos.



Ao observar o gráfico referente ao grupo dos materiais inseridos nas tipologias das formas dos pesos de tear do Monte dos Castelinhos, comprova-se que o grupo 2 apresenta um maior número de materiais – um total de 66 peças – e que metade desses materiais pertence à tipologia 1. Ao grupo 2 segue-se o grupo 1 com 60 pesos de tear, onde metade deles são enquadrados na tipologia 3. Os poucos materiais da tipologia 4 enquadram-se na tipologia 1. É ainda possível constatar que existem 7 pesos de tear aos quais não se conseguiu atribuir um grupo nem uma tipologia.

Estes resultados demonstram que estamos perante um fabrico de produção regional que encontra paralelos noutros locais do território peninsular, podendo ser comprovado não só pelo fabrico das pastas mas também através da semelhança das marcas.

6. Marcas

As marcas constituem um elemento importante para a identificação do local de fabrico e do período cronológico.

Por norma, as marcas são colocadas na face superior do peso e se por um lado podem identificar o local de fabrico ou o número de série da peça, podem também conter o nome

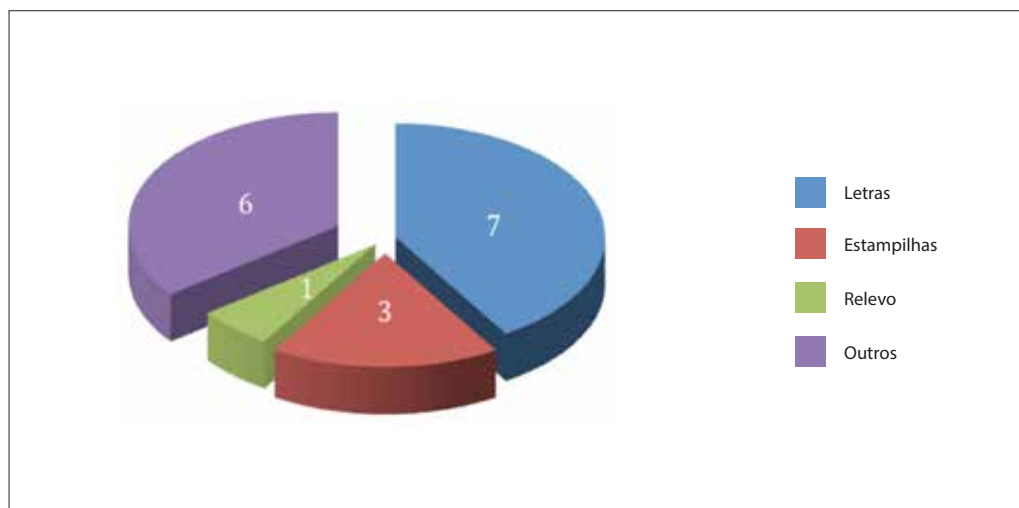
do oleiro (Sepúlveda *et al*, 2007, p.273). Para o Monte dos Castelinhos pode-se observar a mesma situação, em que as marcas surgem na vista superior da peça com a excepção de dois pesos – o número 74 e o 2347 – que apresentam as marcas num dos lados.

As marcas que encontramos nos pesos de tear romanos demonstram um carácter simples, não pretendem ter um valor simbólico, como se encontra em pesos de outras épocas, mas cumprem o propósito de identificarem ou contextualizarem o local onde os pesos foram fabricados. Esta simplicidade pode ser explicada pela grande amplitude que a tecelagem alcança no período romano.

Nos vários sítios onde foram realizados estudos de pesos de tear, as marcas foram divididas em três grupos: marcas incisadas; marcas impressas ou marcas em relevo (Coixão e Naldinho, 2011, p.87). As marcas mais comuns são as incisadas e os relevos, em que as representações costumam variar entre cruzes, estampilhas e letras.

Para o caso do Monte dos Castelinhos, do conjunto dos 134 pesos de tear surgiram apenas 17 pesos de tear com marcas.

Gráfico 8 Os grupos de marcas presentes nos pesos de tear do Monte dos Castelinhos.



Como se pode observar no gráfico 8, do conjunto de pesos de tear com marcas do Monte dos Castelinhos, deparamo-nos com representações: de letras; de estampilhas; de relevos e outros cujo significado não é legível ou que surgem com um símbolo. A imagem que se segue ilustra os vários tipos de marcas que foram identificadas nos pesos de tear do Monte dos Castelinhos.

Das imagens apresentadas na figura 7, só três ilustrações é que surgem em mais do que um peso de tear, das restantes só se conhece um exemplar. É o caso das estampilhas ou círculos (3) que aparecem em três exemplares: no número 348; no número 1699 e no número 1743. Encontramos paralelos destas estampilhas em Freixo do Numão (Coixão e Naldinho, 2011, p.90). Em Alcácer do Sal surgiram dois pesos de tear com circunferências incisadas que poderão ser considerados como semelhantes às do Monte dos Castelinhos (Sepúlveda *et al*, 2007, p.275).

A outra ilustração é a das cruzes (6) que surgem em três pesos de tear: no número 74; no número 1746 e no número 2350. Esta marca também é comum noutros contextos do território português, tendo sido identificados quatro pesos de tear com uma cruz na colecção do Dr. João Gouveia (Coixão e Naldinho, 2011, p.90).

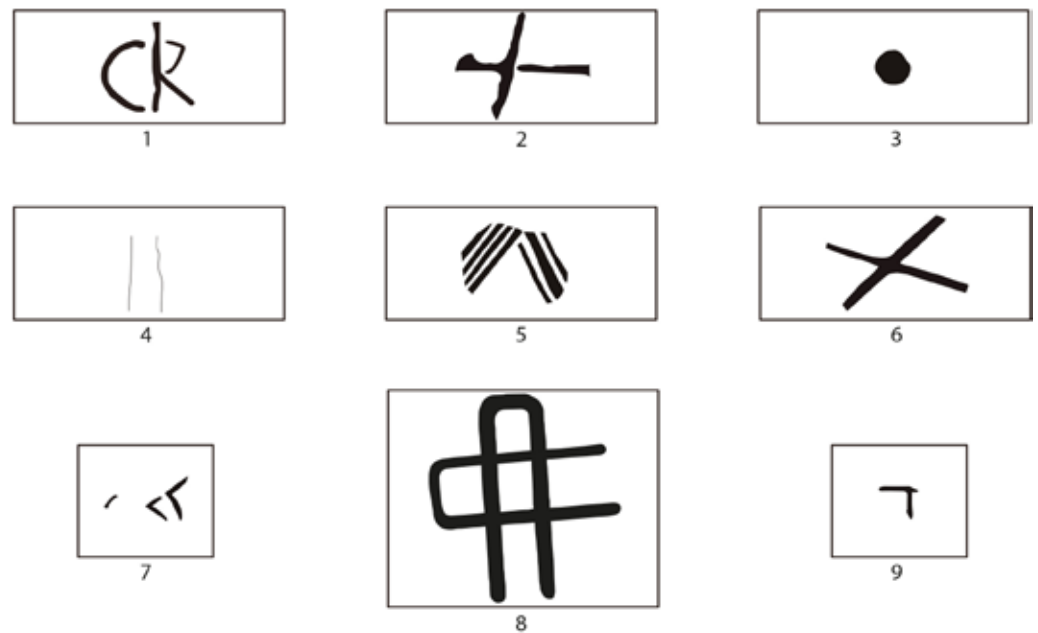


Figura 7

Os vários tipos de marcas presentes em pesos de tear do Monte dos Castelinhos.

Por último o peso 1748 apresenta a marca número (8) assim como o peso de tear 1724, da mesma tipologia. O peso de tear número 2351, o único que se enquadra no grupo 3 do fabrico das pastas, aparenta ter uma letra na face superior, mas levanta algumas dúvidas porque poderá resultar do desgaste da peça.

Tabela 1 Base de Dados com os critérios de análise do conjunto dos Pesos de Tear.

NÚMERO DE INVENTÁRIO	CAMPANHA	CONTEXTO ESPACIAL (SONDAGEM; AMBIENTE; U.E.)	TIPOLOGIA	MATERIAL	MARCAS	PESO	ESTADO DE CONSERVAÇÃO	CRITÉRIOS DE CONIMBRIGA (FORMA E DIMENSÕES)		
73	2006	Prospecção	1	2	-	400g	Completo	I	B	9
74	2006	Prospecção	3	1	√	450g	Completo	II	B	37
75	2006	Prospecção	2	2	-	200g	Incompleto	-	-	26
182	2008	-	2	2	-	300g	Completo	I	B	21
243	2008	4; Sector 3; [19]	2	2	-	450g	Incompleto	-	-	-
254	2008	Prospecção; Sector 1	3	1	-	175g	Incompleto	-	-	-
344	2008	4; Sector 3; [17]	3	2	-	425g	Completo	II	B	33
345	-	4; Sector 3; [15]	1	2	-	150g	Incompleto	-	-	-
346	-	4; Sector 3; [18]	2	2	-	500g	Incompleto	-	-	-
347	-	4; Sector 3; [15]	3	1	-	400g	Completo	II	C	34
348	2008	Prospecção	1	2	√	700g	Completo	VI	A	2
349	2008	4; 1; [18]	1	2	-	425g	Completo	I	B	10
350	2008	4; Sector 3; [16]	2	2	-	500g	Completo	I	A	13
351	2008	4; Sector 3; [16]	1	2	-	600g	Completo	I	A	-
352	2008	Prospecção; Sector 2	3	1	-	650g	Completo	II	B	-
414	2009	3; -; [36]	1	2	-	350g	Incompleto	-	-	-
422	2009	4; 6; [45]	3	2	-	250g	Incompleto	-	-	-
423	2009	4; 6; [45]	1	2	-	350g	Incompleto	-	-	-
424	2009	4; 6; [45]	-	1	-	150g	Incompleto	-	-	-
425	2009	4; 6; [45]	3	1	-	350g	Completo	II	B	40

429	2009	4; 6; [45]	3	1	-	250g	Incompleto	-	-	-
580	2009	3; 6; [50]	2	1	-	200g	Completo	VI	B	20
595	2009	3; -; [1]	2	2	-	350g	Completo	I	B	16
596	2009	3; -; [1]	-	-	√	25g	Incompleto	-	-	29
597	2009	4; 3; [5]	3	2	-	775g	Completo	II	A	-
598	2009	4; 3; [5]	1	2	-	450g	Incompleto	-	-	-
599	2009	4; 6; [45]	3	2	-	850g	Completo	V	A	43
600	2009	4; 6; [45]	1	2	-	525g	Completo	I	B	7
601	2009	4; 3; [31]	1	2	-	600g	Completo	VI	B	6
602	2009	4; 3; [31]	1	2	-	750g	Completo	I	A	-
603	2009	4; 3; [31]	1	2	-	500g	Completo	I	B	-
604	2009	4; 3; [31]	1	2	-	750g	Completo	I	A	-
605	2009	4; 3; [31]	1	1	√	850g	Completo	I	B	1
606	2009	4; 3; [31]	1	1	-	850g	Completo	I	A	3
624	2009	4; sobre 2; [17]	3	2	-	450g	Incompleto	-	-	-
663	2009	4; 4/6; [15]	3	2	-	850g	Completo	V	A	-
677	2009	4; sobre 2; [17]	1	2	-	50g	Incompleto	-	-	-
790	2009	4; 6; [37]	-	2	-	250g	Incompleto	-	-	-
792	2009	4; 6; [37]	1	2	-	325g	Incompleto	-	-	-
913	2009	4; 4; [34]	2	1	-	100g	Incompleto	-	-	-
977	2009	4; 3B; [28]	2	2	-	300g	Incompleto	-	-	-
986	2009	4; 8; [45]	3	2	-	50g	Incompleto	-	-	-
1034	2009	4; 6; [37]	3	1	-	475g	Completo	II	B	-
1153	2009	4; sobre 2; [17]	-	2	-	150g	Incompleto	-	-	-
1154	2009	4; sobre 2; [17]	1	2	-	50g	Incompleto	-	-	-
1167	2009	3; -; [1]	1	2	-	10g	Incompleto	-	-	-
1208	2009	3; -; [36]	2	2	-	200g	Incompleto	-	-	18
1213	2009	3; -; [36]	2	1	-	250g	Incompleto	-	-	25
1291	2009	5; -; [65]	-	-	-	50g	Incompleto	-	-	-
1320	2009	4; 3; [29]	-	2	-	50g	Incompleto	-	-	-
1390	2008	4; 3; [29]	-	2	-	225g	Incompleto	-	-	-
1492	2008	Prospecção	3	1	-	350g	Completo	V	B	45
1497	2009	4; 3; [31]	1	2	-	750g	Completo	I	A	5
1498	2009	4; 3; -	1	2	-	600g	Incompleto	-	-	-
1499	2009	4; 3; [31]	-	1	-	200g	Incompleto	-	-	-
1500	2008	4; -; [15]	-	2	-	25g	Incompleto	-	-	-
1687	2011	4; muro; [138]	1	2	-	650g	Completo	I	A	4
1688	2011	4; 18; [139]	1	2	-	850g	Completo	VI	A	-
1689	2012	4; 21; -	1	2	-	600g	Completo	I	B	-
1690	2012	4; 11; [44]	1	2	-	100g	Incompleto	-	-	-
1691	2012	4; 12; [152]	-	-	-	25g	Incompleto	-	-	-
1692	2012	4; 12; [126]	1	1	-	25g	Incompleto	-	-	-
1693	2012	4; 12; [154]	1	2	-	150g	Incompleto	-	-	-
1694	2011	4; 12; [5]	3	1	-	100g	Incompleto	-	-	-
1695	2012	4; 3; [60]	-	-	-	100g	Incompleto	-	-	-
1696	2010	4; 9; [86]	3	1	-	250g	Incompleto	-	-	-

1697	2010	4; 9; [86]	3	1	-	400g	Completo	I	B	42
1698	2010	4; 5; [61]	1	1	-	100g	Incompleto	-	-	-
1699	2010	4; 5; [61]	2	1	√	100g	Incompleto	-	-	23
1700	2011	4; -; [5]	2	1	-	350g	Completo	I	B	22
1701	2011	4; -; [5]	-	1	-	100g	Incompleto	-	-	-
1702	2011	4; 9; [123]	3	1	√	50g	Incompleto	-	-	44
1703	2011	4; 9; [123]	1	2	-	300g	Completo	I	C	2
1704	2011	4; 9; [123]	3	2	-	350g	Incompleto	-	-	-
1705	2011	4; 9; [123]	3	1	-	550g	Completo	II	B	31
1706	2011	4; 12; [152]	1	2	-	250g	Incompleto	-	-	-
1707	2011	4; 12; [152]	3	1	-	300g	Incompleto	-	-	35
1708	2011	4; -; [5]	4	1	-	375g	Incompleto	-	-	-
1709	2011	4; -; [5]	2	2	√	100g	Incompleto	-	-	27
1710	2012	4; 3; [60]	3	1	-	400g	Completo	II	B	41
1711	2012	4; 22; [201]	3	1	-	400g	Completo	II	B	-
1712	2012	4; 3; [60]	3	1	-	125g	Incompleto	-	-	-
1713	2010	4; 10; [91]	3	1	-	400g	Completo	II	B	-
1715	2011	4; sobre 16; [5]	1	1	-	350g	Completo	I	B	8
1716	2010	4; 10; [8]	3	1	-	75g	Incompleto	-	-	-
1717	2011	4; 16; [128]	-	2	-	50g	Incompleto	-	-	-
1718	2012	4; sobre 16; [5]	-	2	-	250g	Incompleto	-	-	-
1720	2012	4; 12; [154]	-	-	-	10g	Incompleto	-	-	-
1721	2012	4; 12; [154]	3	1	-	50g	Incompleto	-	-	-
1722	2012	4; 12; [154]	-	2	-	75g	Incompleto	-	-	-
1723	2012	4; 12; [154]	-	1	-	200g	Incompleto	-	-	-
1724	2010	4; 7; [39]	4	1	√	850g	Incompleto	-	-	47
1725	2011	4; 16; [5]	-	1	-	350g	Incompleto	-	-	-
1726	2012	5; -; [65]	3	1	-	400g	Completo	VI	B	-
1727	2012	9; -; [180]	2	2	-	125g	Incompleto	-	-	19
1728	2012	5; 30; [182]	3	1	-	75g	Incompleto	-	-	-
1729	2012	5; 30; [182]	-	1	-	25g	Incompleto	-	-	-
1730	2012	5; 30; [182]	3	1	-	500g	Completo	II	B	32
1731	2012	5; 33; [203]	1	2	-	150g	Incompleto	-	-	-
1732	2012	5; 33; [203]	-	1	-	25g	Incompleto	-	-	-
1734	2012	5; 34; [206]	-	2	-	25g	Incompleto	-	-	-
1735	2012	4; 14; [153]	1	2	-	550g	Incompleto	-	-	-
1736	2012	5; 32; [202]	1	2	-	300g	Incompleto	-	-	-
1737	2012	5; 33; [207]	1	1	-	400g	Completo	I	B	11
1738	2012	5; 31; [215]	3	1	√	350g	Incompleto	-	-	39
1739	2012	5; 33; [207]	-	-	-	50g	Incompleto	-	-	-
1740	2012	5; 33; [207]	1	1	-	50g	Incompleto	-	-	-
1741	2012	5; 33; [203]	1	2	-	125g	Incompleto	-	-	-
1742	2012	5; 33; [203]	1	2	-	50g	Incompleto	-	-	-
1743	2011	4; 9; [123]	4	1	√	1000g	Incompleto	-	-	50
1744	2011	4; 16; [128]	2	2	-	100g	Incompleto	-	-	24
1745	2012	4; 22; [230]	2	2	-	400g	Completo	VI	B	15

1746	2010	4; 9; [5]	3	1	√	700g	Completo	II	A	46
1747	2012	5; 32; [203]	1	1	-	25g	Incompleto	-	-	-
1748	2010	4; 10; [5]	4	1	√	1000g	Incompleto	-	-	49
1773	2012	5; 33; [203]	3	1	-	500g	Incompleto	-	-	-
1786	2012	4; 3; [23]	3	1	√	250g	Incompleto	-	-	36
1787	2012	4; 3; [23]	2	2	-	75g	Incompleto	-	-	-
1788	2012	4; 3; [23]	3	1	-	300g	Completo	II	B	30
1789	2012	4; 3; [23]	-	2	-	50g	Incompleto	-	-	-
1825	2012	5; 35; [72]	-	-	-	10g	Incompleto	-	-	-
2345	2010	4; 6; [45]	-	1	-	100g	Incompleto	-	-	-
2346	2010	4; 6; [45]	-	2	-	125g	Incompleto	-	-	-
2347	2013	4; 24; [280]	1	1	√	100g	Incompleto	-	-	28
2348	2013	Prospecção	2	1	√	300g	Completo	VI	B	17
2349	2013	4; 24; [280]	3	1	-	300g	Incompleto	-	-	-
2350	2013	4; 24; [280]	3	1	√	200g	Incompleto	-	-	38
2351	2013	5; 34; [206]	2	3	√	375g	Incompleto	-	-	-
2352	2013	4; 24; [280]	1	2	-	200g	Incompleto	-	-	-
2353	2013	5; 34; [206]	2	2	-	500g	Completo	I	B	14
2354	2013	4; 12; [219]	-	1	-	125g	Incompleto	-	-	-
2355	2013	4; 12; [219]	1	2	-	400g	Incompleto	-	-	-
2356	2013	4; 12; [219]	-	1	-	200g	Incompleto	-	-	-
2357	2013	4; 12; [219]	4	1	-	1200g	Completo	VI	B	48

7. Cossoiros

A produção têxtil não se restringia apenas ao trabalho realizado nos teares, ou seja à tecelagem, mas englobava também a fiação que necessitava de outros materiais como as agulhas e os cossoiros. Apesar deste trabalho ser uma análise dos pesos de tear, tendo em conta que a temática se prende com a indústria têxtil, decidi tecer algumas considerações sobre o conjunto de cossoiros – 12 peças – que foram recuperados no Monte dos Castelinhos.

Tabela 2 Base de dados dos cossoiros identificados em Monte dos Castelinhos (2006 a 2013).

Nº INV.	DATA	CONTEXTO ESPACIAL (SONDAGEM; AMBIENTE; U.E.)	DECORAÇÃO	MEDIDAS (DIÂMETRO – ALTURA)	TONALIDADE DA PASTA
361	2008	4; -; [8]	-	3,5cm - 2,2cm	Pasta Cinzenta
1687	2010	4; 10; [5]	-	2,8cm - 2,3cm	Pasta Cinzenta
1690	2010	4; 10; [90]	√	3,4cm - 2,2cm	Pasta Cinzenta
1696	2010	4; 7; [39]	-	3,35cm - 2,5cm	Pasta Bege
2008	2012	5; 35; [73]	-	2,9cm - 2cm	Pasta Laranja
2009	2012	4; 10; [173]	-	2,85cm - 3,1cm	Pasta Castanha
2010	2012	5; 31; [275]	√	2,3cm - 3,2cm	Pasta Castanha
2011	2012	5; 31; [215]	-	1,9cm - 3,8cm	Pasta Cinzenta
17023	2011	4; 10; [131]	-	2,2cm - 4cm	Pasta Bege
17024	2012	4; 10; [155]	-	1,85cm - 4cm	Pasta Cinzenta
17025	2012	5; 35; [73]	-	2cm - 3,9cm	Pasta Cinzenta
17026	2012	4; 10; [155]	√	2,1cm - 3,2cm	Pasta Bege

Como se pode observar na tabela 2, as únicas sondagens que apresentam cossoiros são a sondagem 4 – com um total de oito peças – e a sondagem 5 com quatro peças. A sua presença nestas sondagens reforça a possibilidade de ter havido produção têxtil nestas áreas.

Se cruzarmos os dados referentes aos cossoiros com os dos pesos de tear, no total das sondagens, as que apresentam um maior valor significativo de pesos de tear são: a sondagem 4 e a sondagem 5. Para além de se verificar nos pesos de tear um maior número de recolha de peças na sondagem 4 em comparação com a sondagem 5. Esta diferença poderá estar relacionada com o facto da dimensão de área escavada ser menor na sondagem 5. Contudo a explicação para um número inferior de achados nesta sondagem, quando comparada com a sondagem 4, poderá significar uma produção de tecelagem com pouca amplitude e por sua vez a utilização de teares de menor dimensão o que permite explicar o aparecimento de menos material nesta área. Só com o alargamento desta sondagem é que se poderá esclarecer esta questão.

No que diz respeito às medidas, para efeitos de estudo, considerou-se o diâmetro da peça e a sua altura. O que se pode concluir é que são peças de pequenas dimensões, com um diâmetro máximo de 3,5 cm face a um diâmetro mínimo de 1,85 cm e uma altura que não ultrapassa os 4 cm.

Em relação ao fabrico das peças, estes podem ser em pedra mas é mais comum aparecer com um fabrico em argila (Coixão e Naldinho, 2011, p.86). A tonalidade das peças do Monte dos Castelinhos divide-se em três tons, com predominância dos tons cinzentos, aos quais se segue o tom bege e um tom laranja que surge apenas numa peça.

O último critério de análise é a decoração em que no conjunto de 12 peças apenas três se encontram com decoração. Ao contrário do que se observou para os pesos de tear, os cossoiros apresentam decorações e não marcas. Uma marca tem como objectivo transmitir uma informação enquanto o que vemos nos cossoiros é uma representação sucessiva de riscos que criam um padrão ou uma decoração. Estas decorações atribuem às peças um carácter mais simbólico em vez de um valor apenas utilitário. Isto não quer dizer que em contextos de outros períodos cronológicos não tenham surgido pesos de tear com decoração e com um carácter simbólico.

Como forma de concluir este tópico e recorrendo à análise bibliográfica, pretende-se explicar que os cossoiros eram utilizados na técnica de fiação em fuso, servindo como volante do fuso (Silva e Oliveira, 1999, p.665).

Apesar do conjunto de cossoiros ainda ser pequeno, em comparação com o dos pesos de tear, a sua presença no Monte dos Castelinhos é crucial para se tecer considerações sobre a produção têxtil deste local, para além de ser um material que se manteve desde a pré-história e que se torna interessante de analisar em diferentes temáticas da arqueologia.

8. O processo de tecelagem na Antiguidade

“Weaving is essentially the interlacing of a series of threads called the warp, with another series called the woft. The warp threads are stretched for weaving in a loom, the woft-threads are then passed over and under them.”

(FORBES, 1964, p.196)

Na introdução ao artigo mencionei que a arqueologia tinha como função fornecer provas da existência de uma actividade do passado – neste caso a produção têxtil – através dos artefactos

recolhidos em contextos arqueológicos e proceder ao seu devido estudo. O estudo das características e da funcionalidade desses materiais ou do contexto em que foram retirados, não é suficiente para nos responder à questão sobre a tipologia do local, sendo para tal necessário uma pesquisa e análise cuidada da bibliografia referente a esses materiais.

Pelo motivo apresentado, o último tópico do artigo tem um âmbito mais histórico, cujo objectivo é perceber a utilidade que estes materiais tiveram no período em que se insere o contexto do qual foram retirados. Tendo em conta que nos encontramos em contexto romano-republicano irá ser aqui apresentado o processo de tecelagem no período romano e a importância do artesanato para a sociedade romana.

8.1. O processo de tecelagem no período romano

No mundo egípcio o conhecimento sobre estas actividades é transmitido nas pinturas que decoram os antigos templos egípcios. Os gregos deixaram-nos esse registo nas cerâmicas pintadas (figura 8) e apesar de por vezes não se conseguir esclarecer qual das figuras – homem e mulher – trabalharia o tear é no entanto legível a função que os pesos de tear tinham. Com os Romanos e apesar de haver também ilustrações, a base essencial para conhecer os processos por trás dessa indústria são os autores clássicos, que apesar de não atribuírem um estatuto considerável ao artesanato, não deixam de descrever uma das actividades que contribuiu para o desenvolvimento económico da Roma antiga.

A produção de tecelagem surge como uma actividade de grande escala, que engloba várias áreas de trabalho, não sendo um simples cruzamento de fios para produzir o tecido. É necessário trabalhar a matéria vegetal para ser transformada em fios que serão cruzados de forma a criar a trama na moldura concebida pelo tear. Para elevar a qualidade e especificidade desta actividade é necessário recorrer a outros elementos – como agulhas e espátulas – que permitem criar padrões mais complexos nos tecidos em que se está a trabalhar.

Esta actividade tendo começado na pré-história com a produção de peças de roupa ou de recipientes, como os cestos, foi alcançando um papel de destaque entre as sociedades da antiguidade. O crescimento desta produção está interligado à evolução tecnológica dos teares.

Conhecem-se vários tipos de teares que diferem no tamanho e nos objectivos que pretendiam alcançar face ao produto final e à escala de produção. Para o período Romano conhecem-se cinco tipos de teares, que apesar de demonstrarem uma aculturação face ao que já existia noutros territórios da margem do Mediterrâneo – como o Egipto ou a Grécia – apresentam também inovações para responder aos objectivos da sociedade romana.

Começando pelos mais simples na sua tecnologia e nos produtos que criavam, temos o tear de grelha e o tear de placas dos quais resultavam faixas ou tiras, que serviriam como cintos ou ornamento de outro vestuário, sendo aqui por vezes um elemento de estatuto ou estratificação social (Alfaro Giner, 1997, p.43). Com o avanço tecnológico estas tipologias mais elementares serviram para produzir o acabamento ou a moldura da tapeçaria que era manufacturada no tear vertical.

O tear vertical, tal como o nome indica, tinha dois postes e uma viga superior que para além de unir os postes podia rodar, permitindo a realização do trabalho da urdidura numa posição vertical (Forbes, 1964, p.204). Foi um dos teares mais utilizados na Antiguidade Clássica sendo a única forma conhecida para o contexto grego (Forbes, 1964, p.203). Este tear apresenta duas variantes tipológicas em que ambas pretendem provocar uma tensão da urdidura de forma a permitir o entrelaçar dos fios da urdidura com os da trama.



Figura 8
 Representação de um tear vertical de pesos num vaso grego (Forbes, 1964, p.203).

Fig. 9

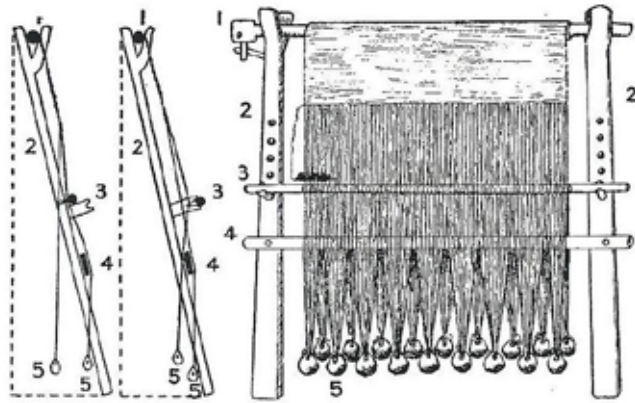


Fig. 10

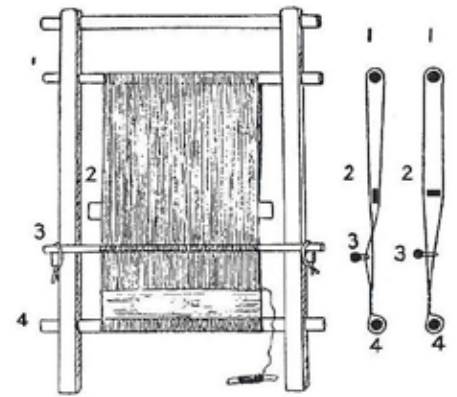
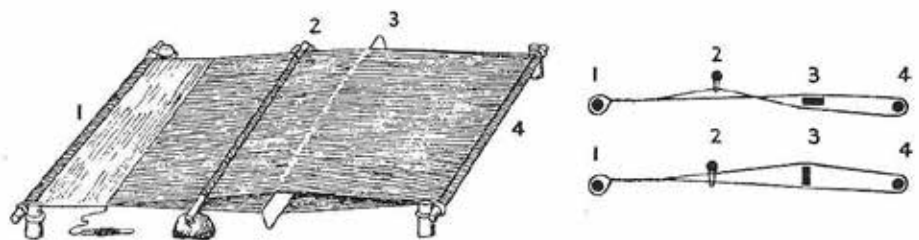


Fig. 11

Figura 9
 Modelo de um tear vertical de pesos (Forbes, 1964, p.209).

Figura 10
 Modelo de um tear vertical de vigas (Forbes, 1964, p.209).

Figura 11
 Modelo de um tear horizontal (Forbes, 1964, p.209).



O que distingue os dois tipos de teares verticais é o elemento que cria tensão. O mais antigo era o tear vertical de pesos (figura 9) do qual resultam os elementos de análise deste trabalho e para o qual não é necessário voltar a explicar a sua funcionalidade. A segunda tipologia, foi uma evolução da primeira com impactos ao nível do trabalho e da economia, sendo conhecida como tear vertical de duas vigas (figura 10), apesar de ser designado de tear vertical de quadro noutros locais (Alfaro Giner, 1997, p. 50). A tensão é agora provocada por uma segunda viga e a urdidura encontra-se presa numa moldura de madeira (Forbes, 1964, p.199).

Um último modelo de tear da Antiguidade é o tear horizontal de chão (figura 11), que fica paralelo ao chão estando assente sobre quatro postes (Forbes, 1964, p.198).

A evolução dos modelos de tear pode ser explicada pela necessidade de responder a um crescimento na procura de tecidos que necessita de novas tecnologias, novos acessórios tanto para a tecelagem como para a fição e de uma nova hierarquia de trabalho. A partir da república mas sobretudo durante o império, com o crescimento da produção e com a sua especialização no sector comercial, assiste-se a uma presença do sexo masculino numa actividade de trabalho que foi sempre associada à mulher, o que conduziu a falsas conjunturas ao longo dos tempos sobre esta actividade ter um carácter doméstico (Morel, 1991 p.188).

Contudo apesar deste crescimento de produção alcançar um papel significativo nas trocas comerciais não superou o principal meio de riqueza deste período, a agricultura, mas contribuiu para o crescimento de várias cidades e províncias do Império Romano e para uma liberdade de produção, que só irá sofrer consequências com o rebotar da crise que se sucedeu no Baixo-império, onde o estado romano adopta um papel activo nesta manufactura (Alfaro Giner, 1997, p.74).



Figura 12
Fotografia de pesos de tear do Monte dos Castelinhos que se enquadram na tipologia 1.

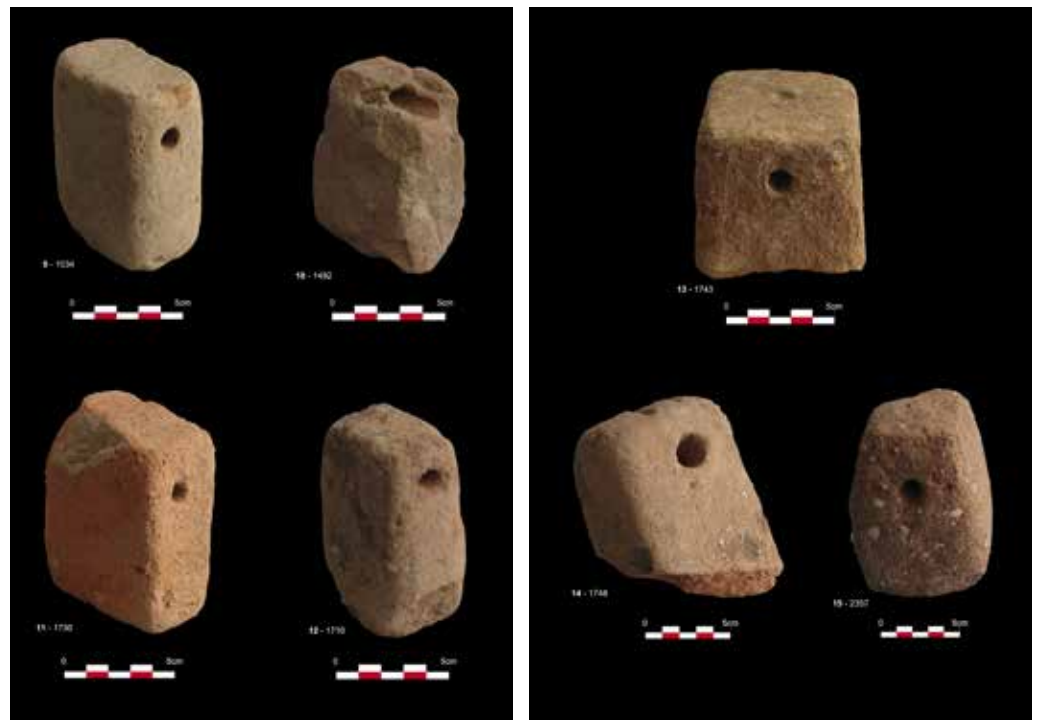
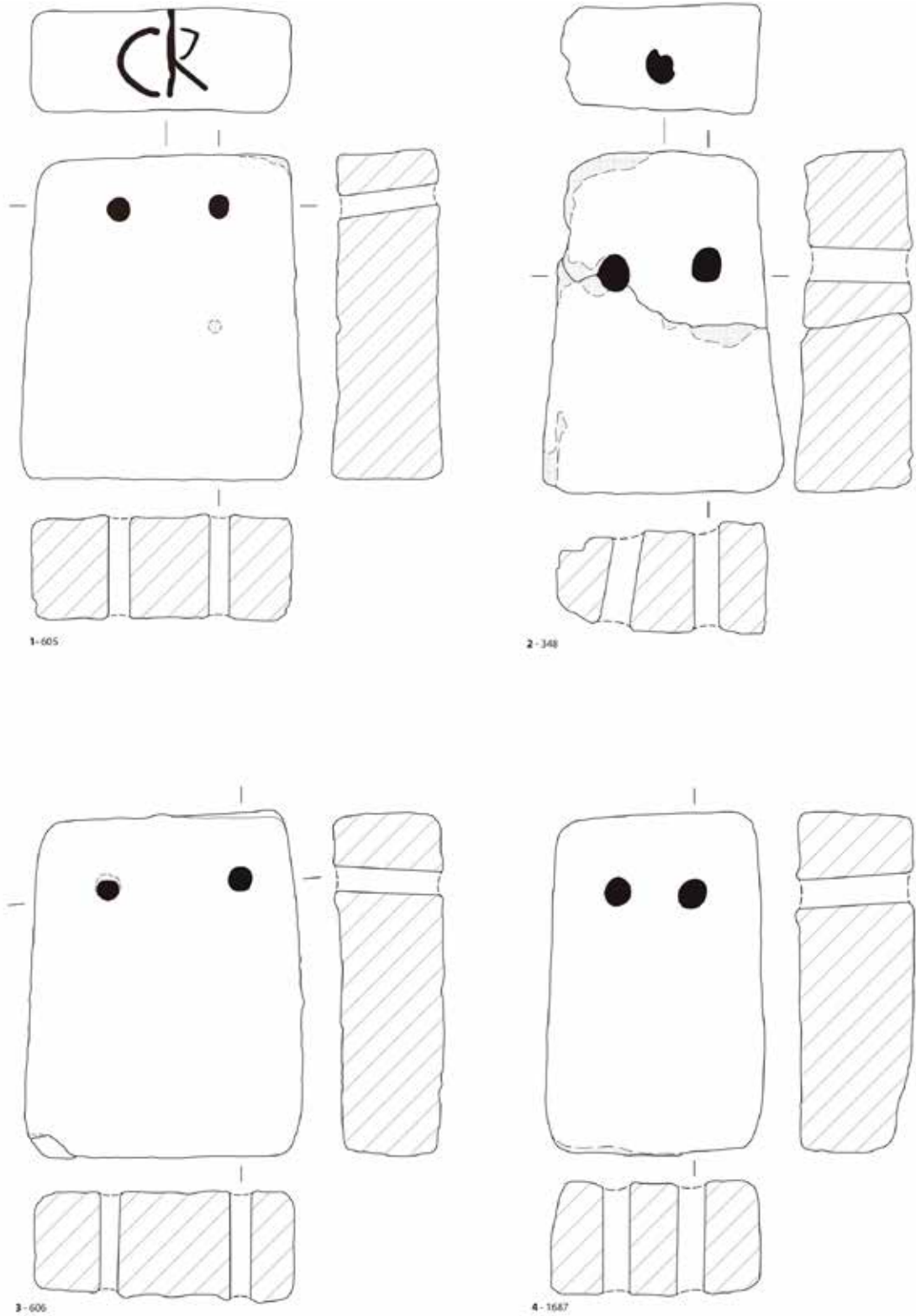


Figura 13
Fotografia de pesos de tear do Monte dos Castelinhos que se enquadram na tipologia 2.

Figura 14
Fotografia de pesos de tear do Monte dos Castelinhos que se enquadram na tipologia 3.

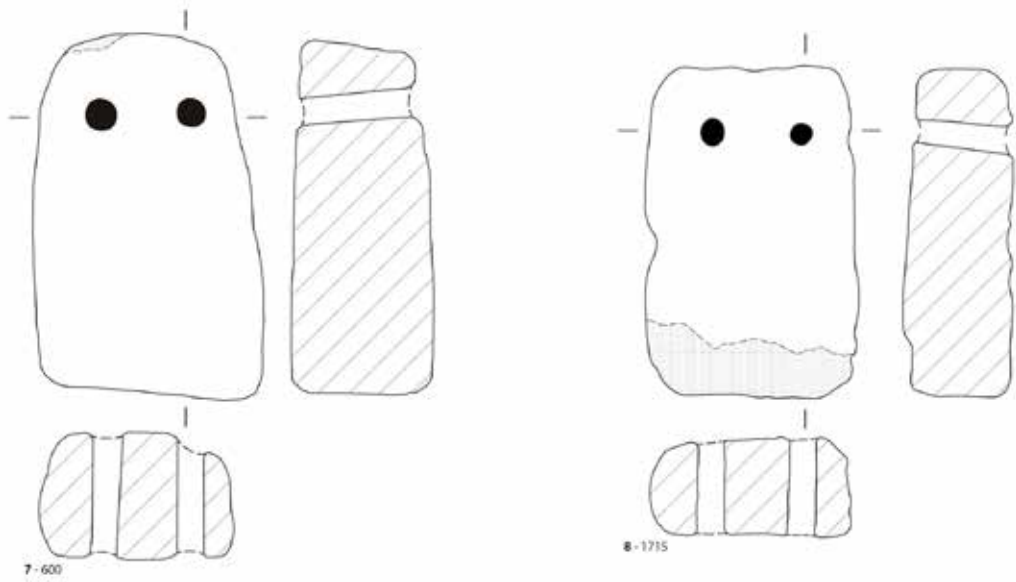
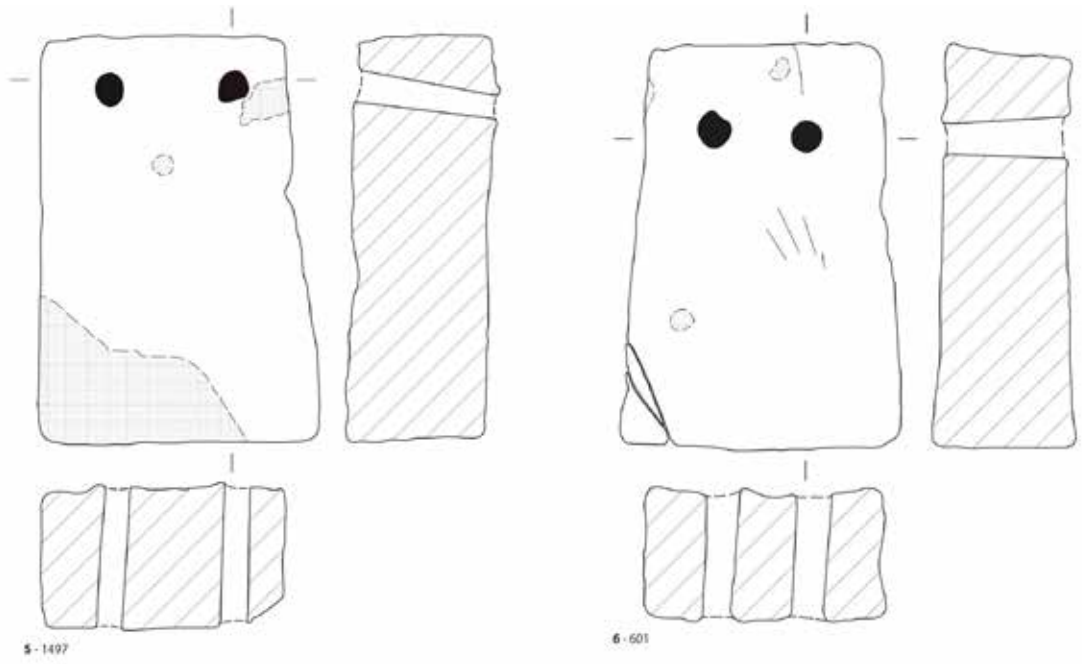
Figura 15
Fotografia de pesos de tear do Monte dos Castelinhos que se enquadram na tipologia 4.



▣ Fractura

10 cm

Figura 16
Estampa Tipo 1-1



Fractura



Figura 17
Estampa Tipo 1-2

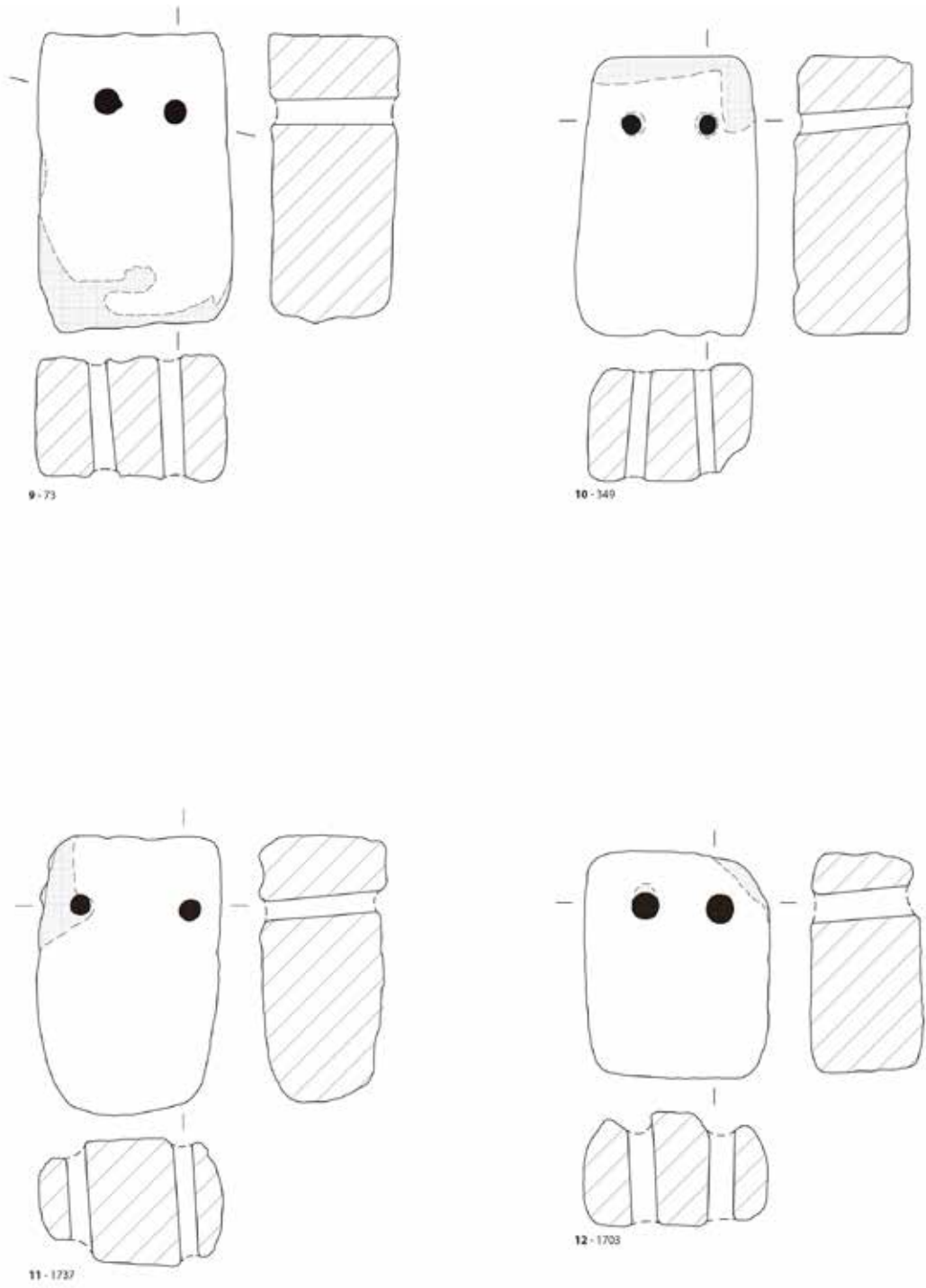
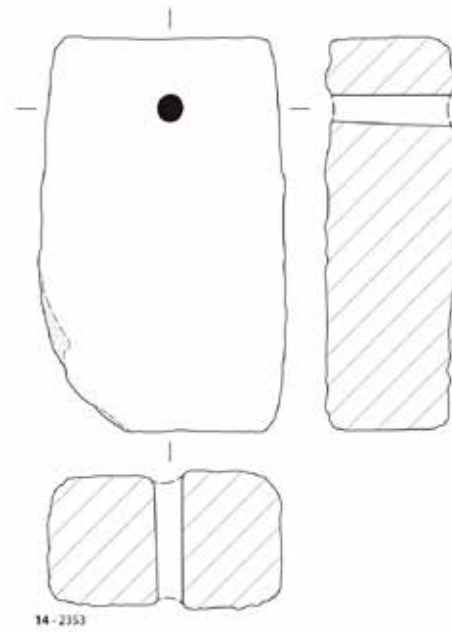
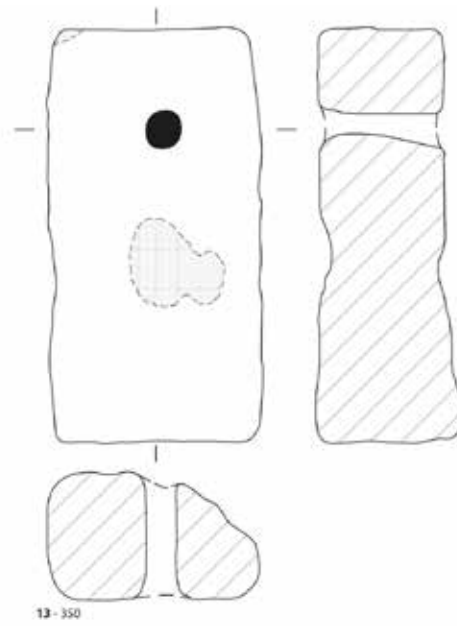


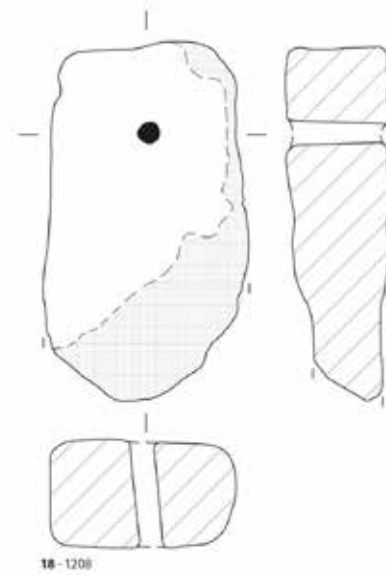
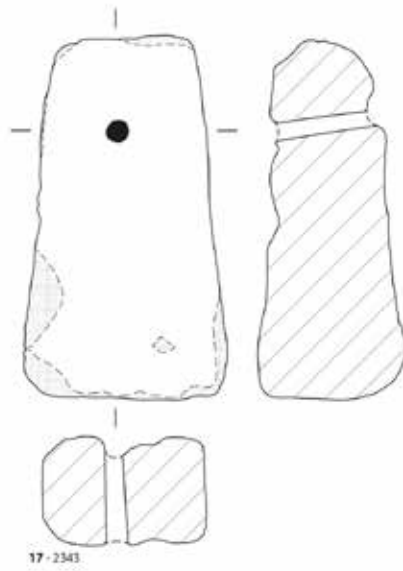
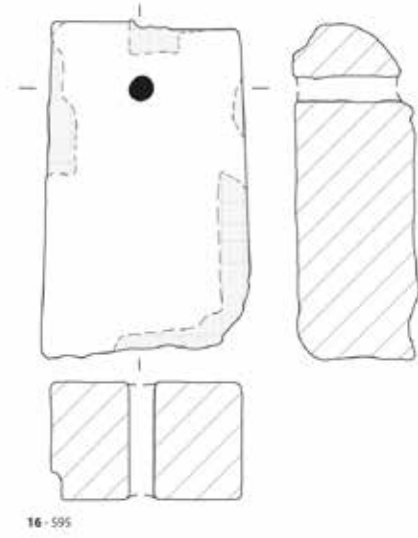
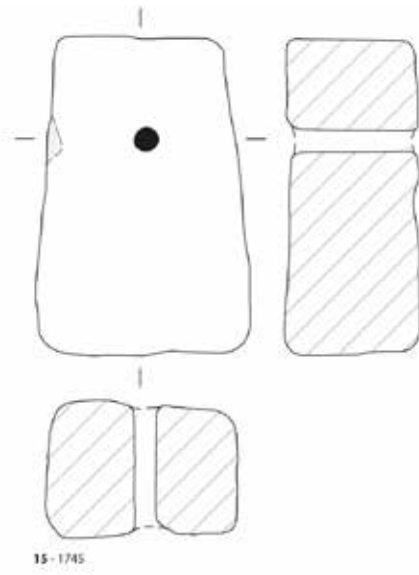
Figura 18
Estampa Tipo 1-3



Fractura



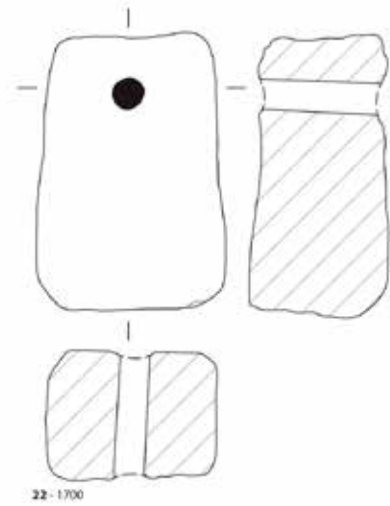
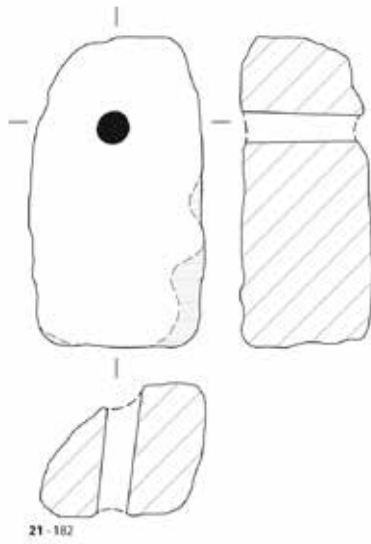
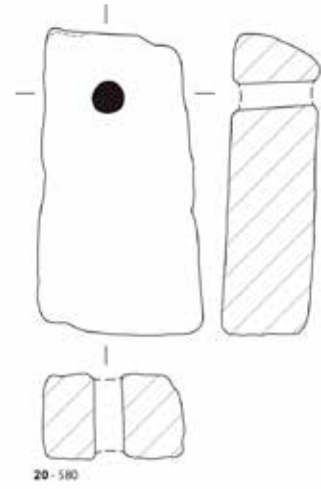
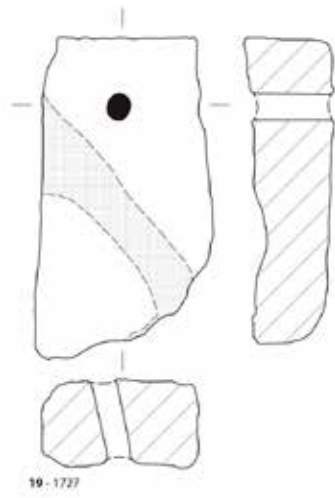
Figura 19
Estampa Tipo 2-1



Fractura



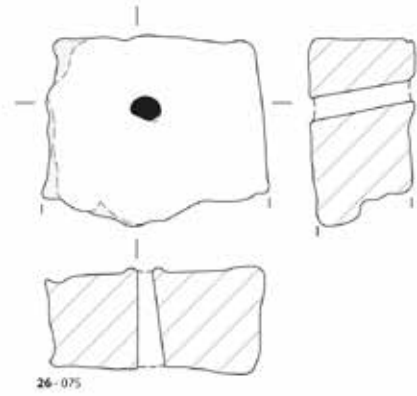
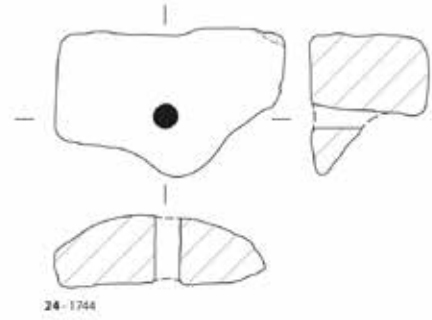
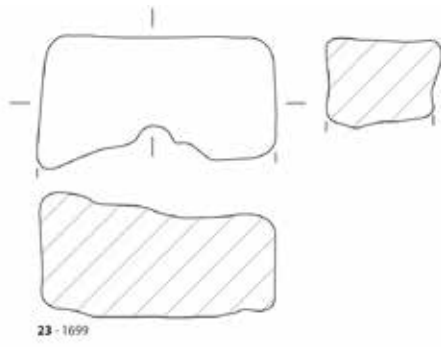
Figura 20
Estampa Tipo 2-2



Fractura



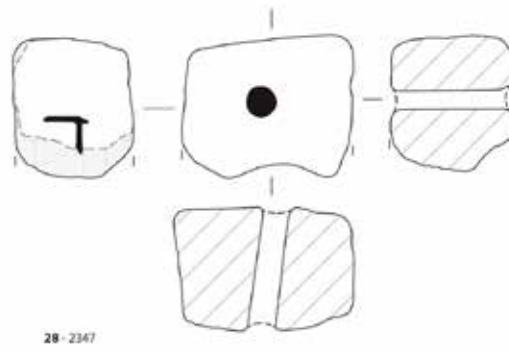
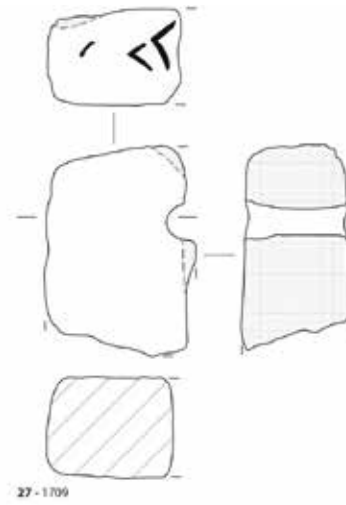
Figura 21
Estampa Tipo 2-3



Fractura



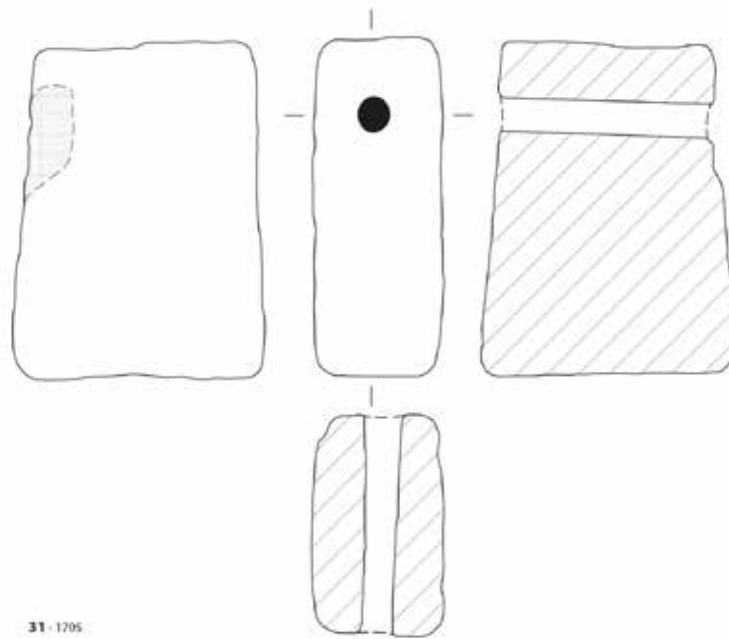
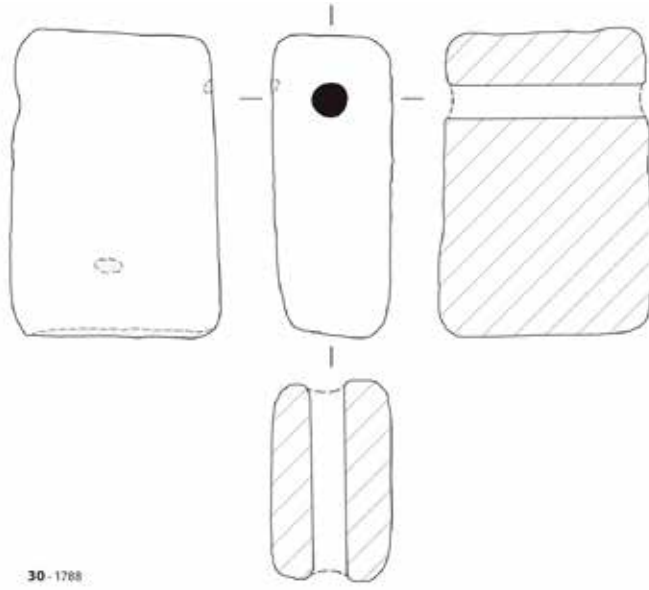
Figura 22
Estampa Tipo 2-4



Fractura



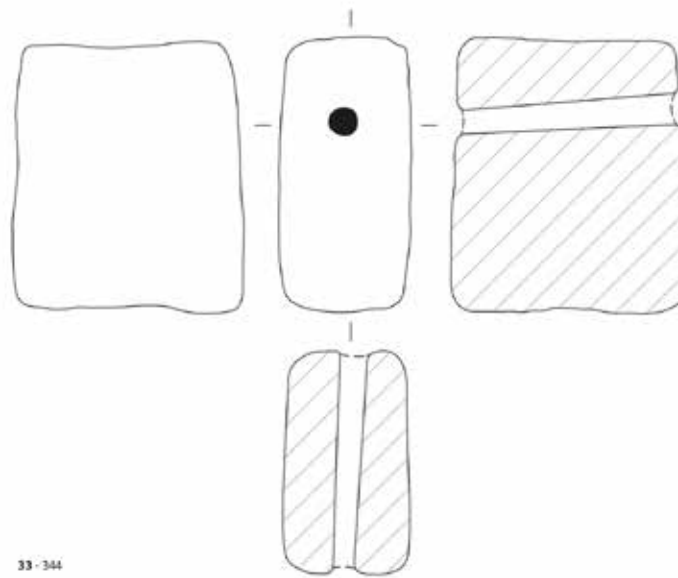
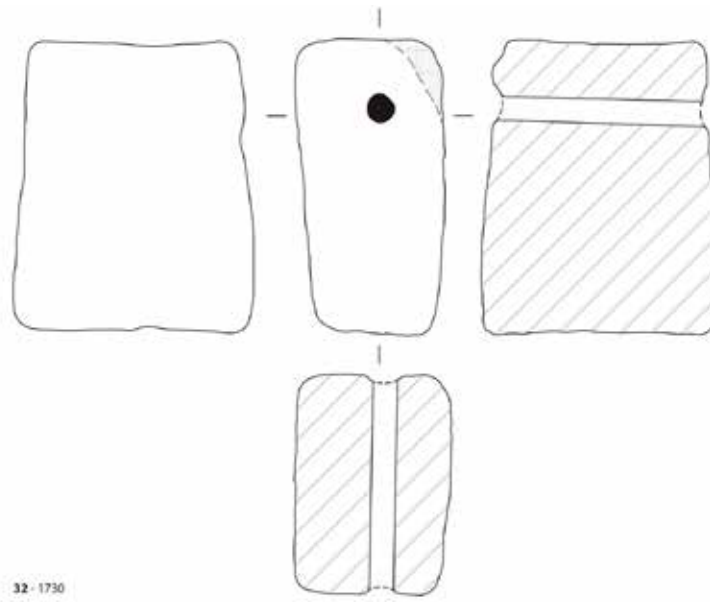
Figura 23
Estampa Tipo 2-5



Fractura



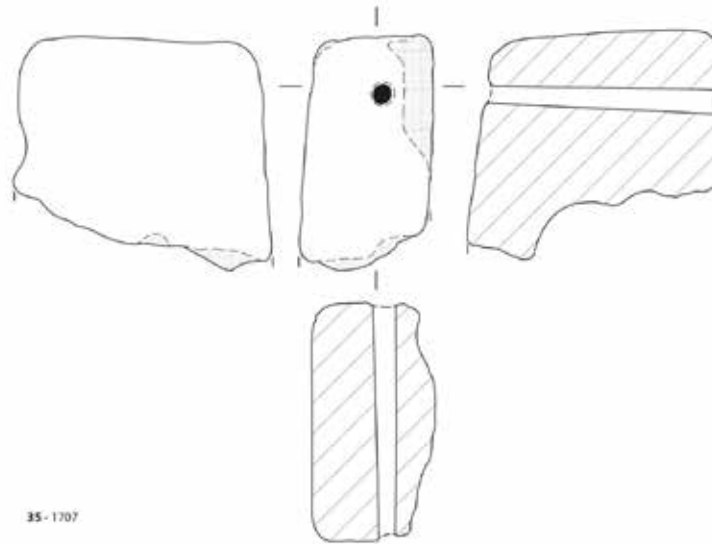
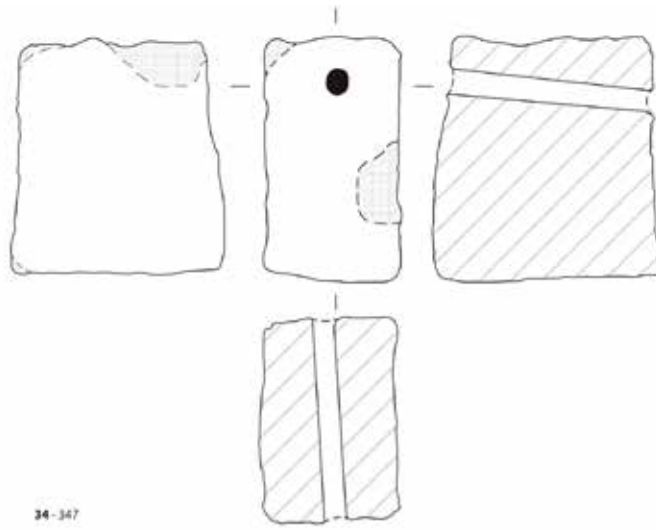
Figura 24
Estampa Tipo 3-1



Fractura



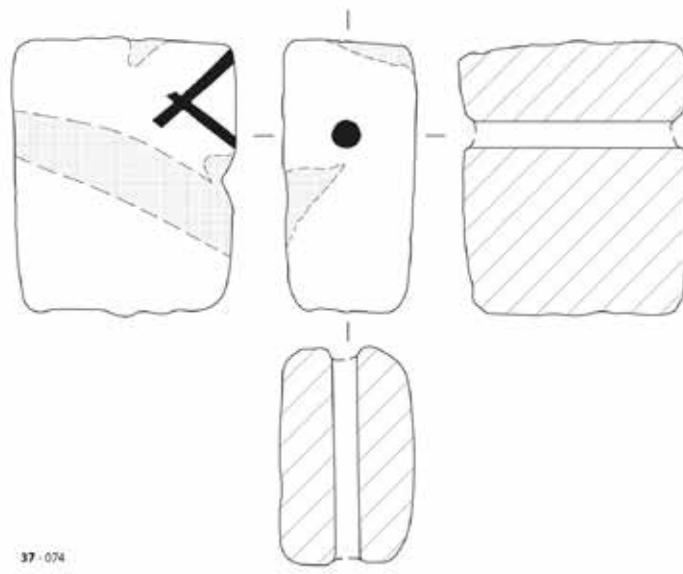
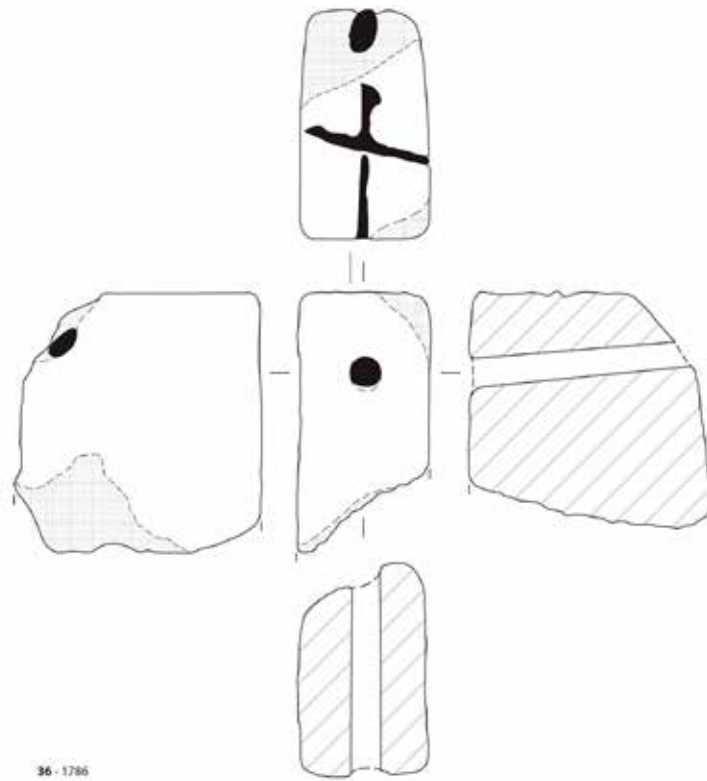
Figura 25
Estampa Tipo 3-2



Fractura



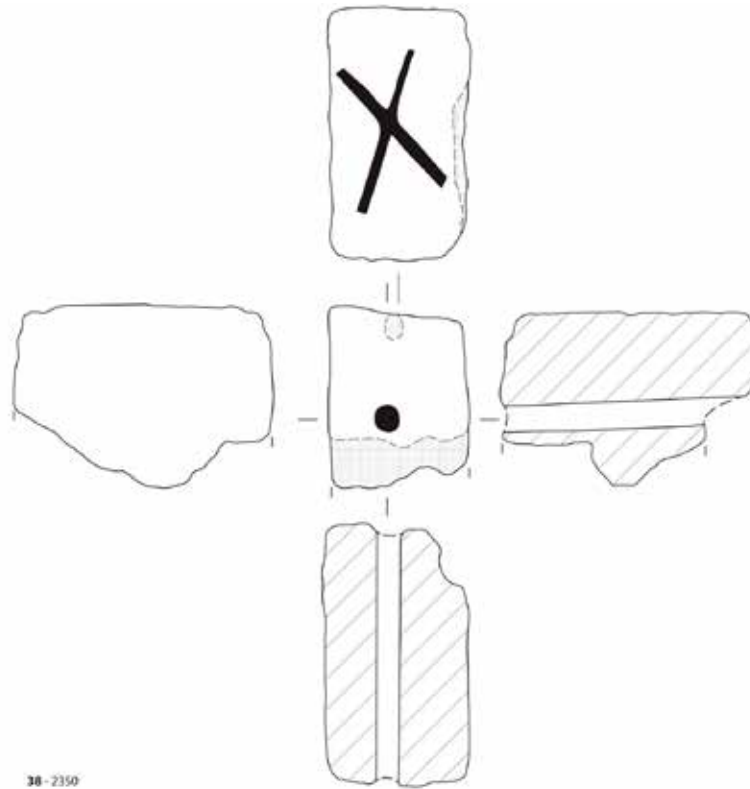
Figura 26
Estampa Tipo 3-3



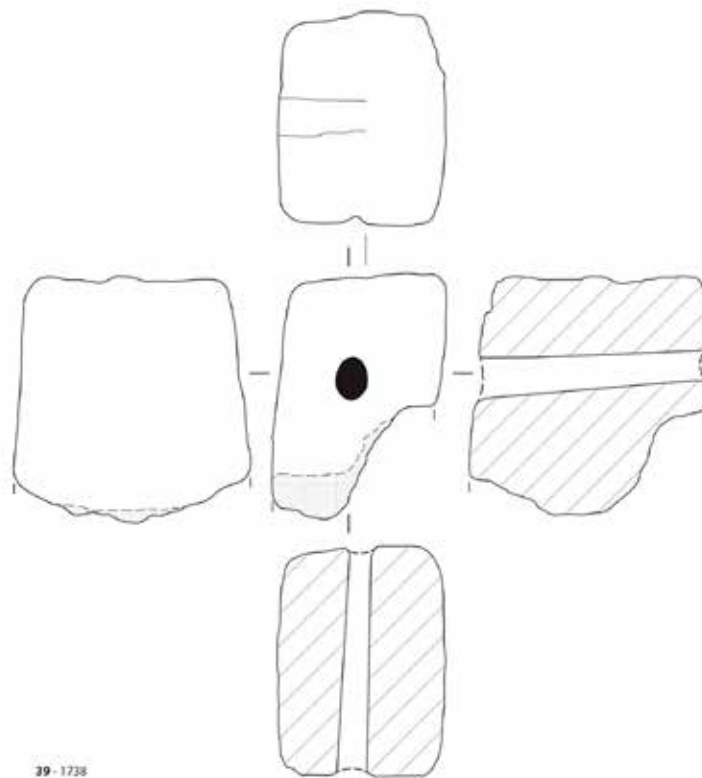
Fractura



Figura 27
Estampa Tipo 3-4



38 - 2350

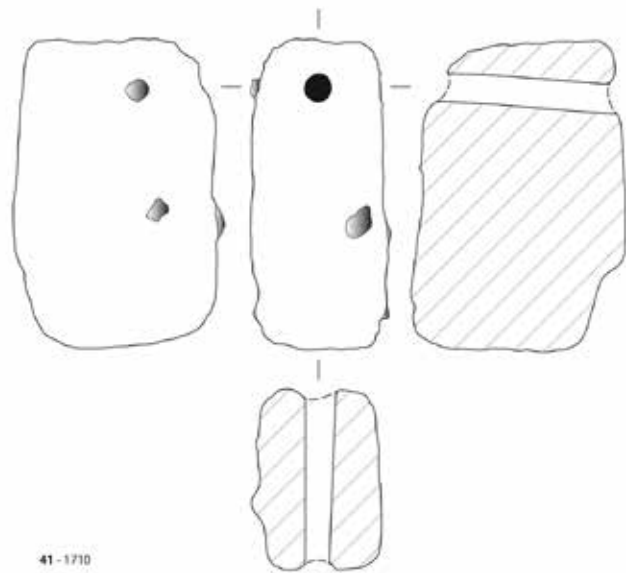
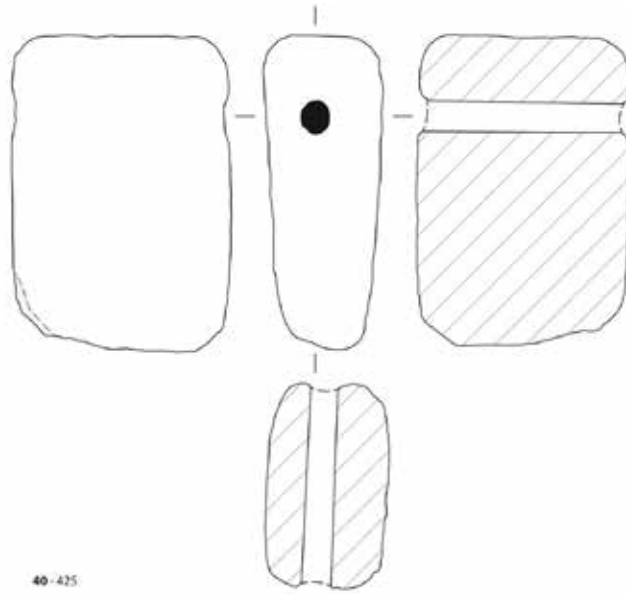


39 - 1738

Fractura

10 cm

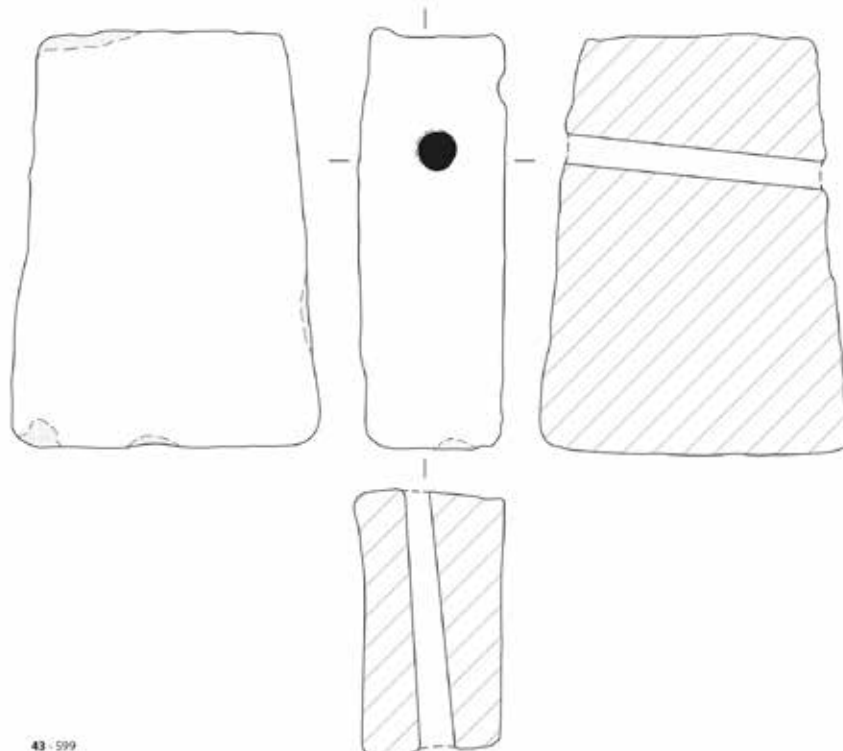
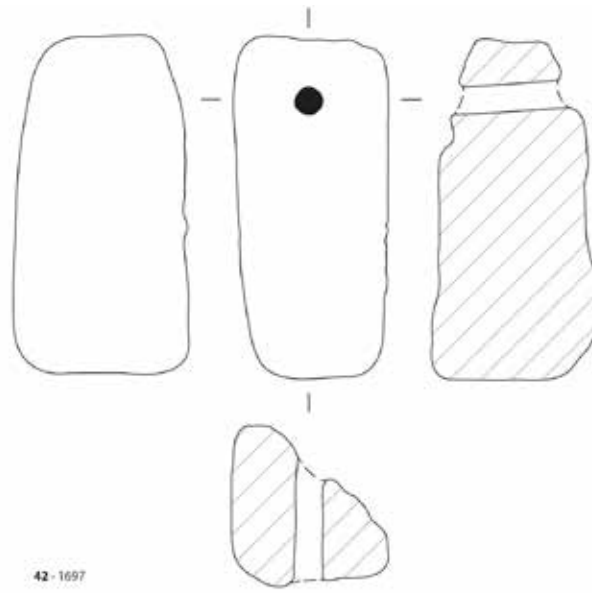
Figura 28
Estampa Tipo 3-5



Fractura
Pedra

10 cm

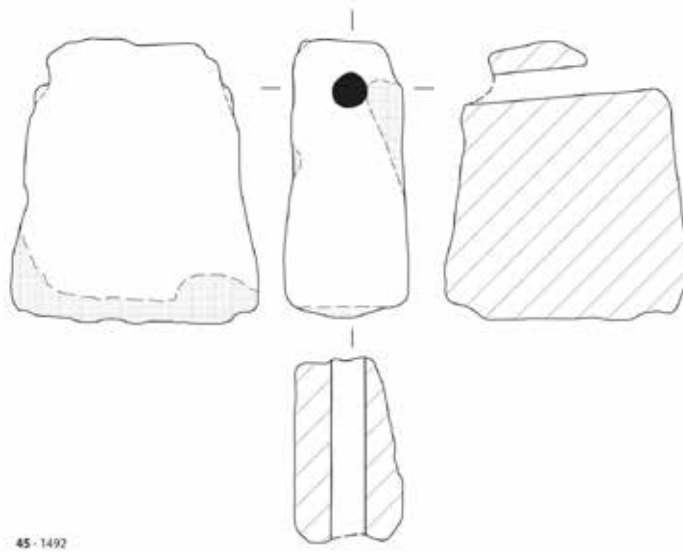
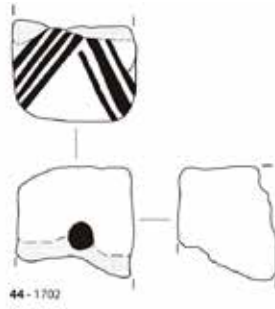
Figura 29
Estampa Tipo 3-6



Fractura



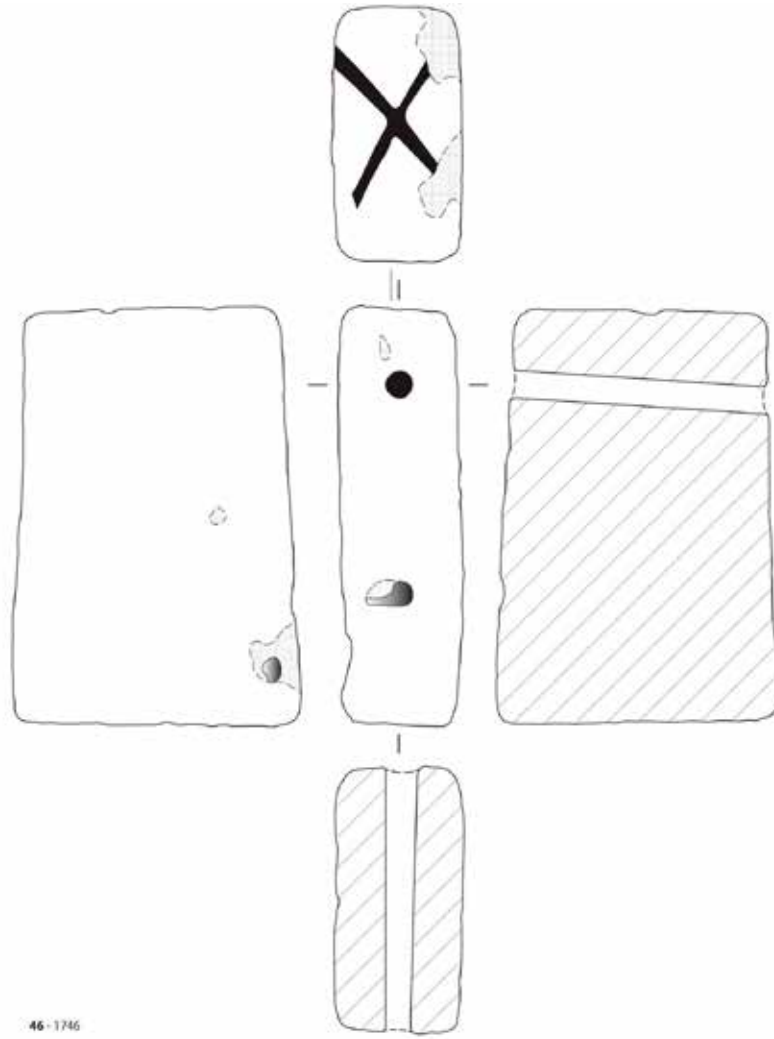
Figura 30
Estampa Tipo 3-7



Fractura



Figura 31
Estampa Tipo 3-8

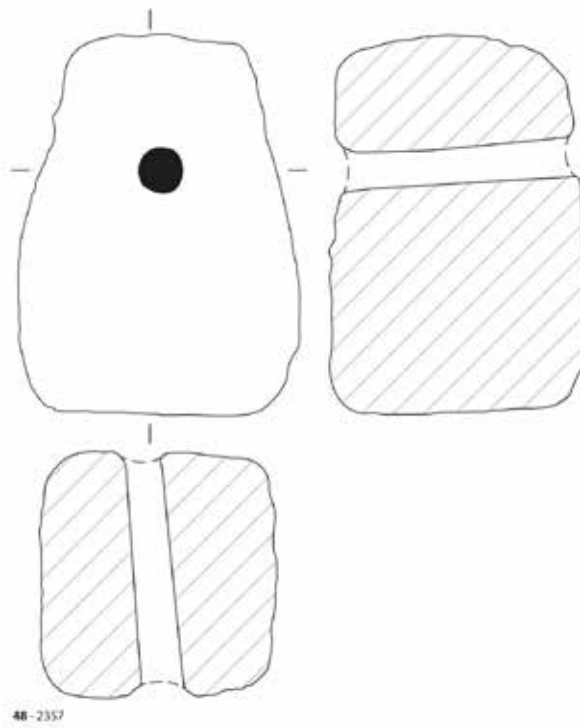
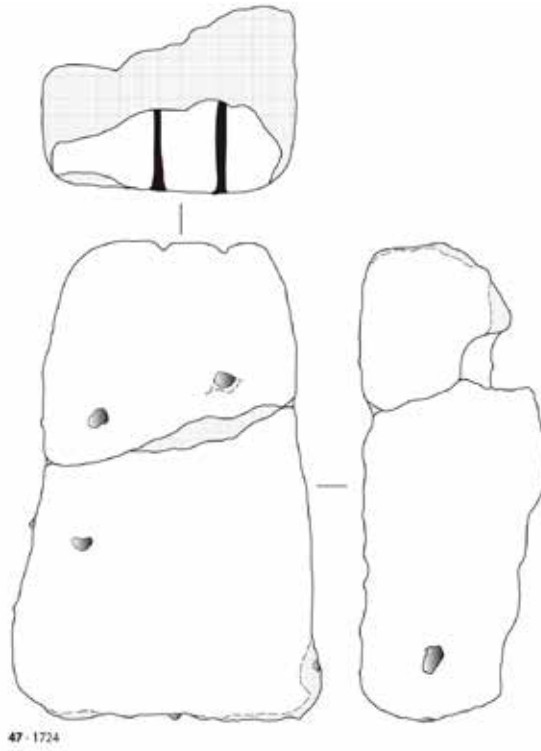


46-1746

Fractura
Pedra

10 cm

Figura 32
Estampa Tipo 3-9



Fractura
Pedra

10 cm

Figura 33
Estampa Tipo 4-1

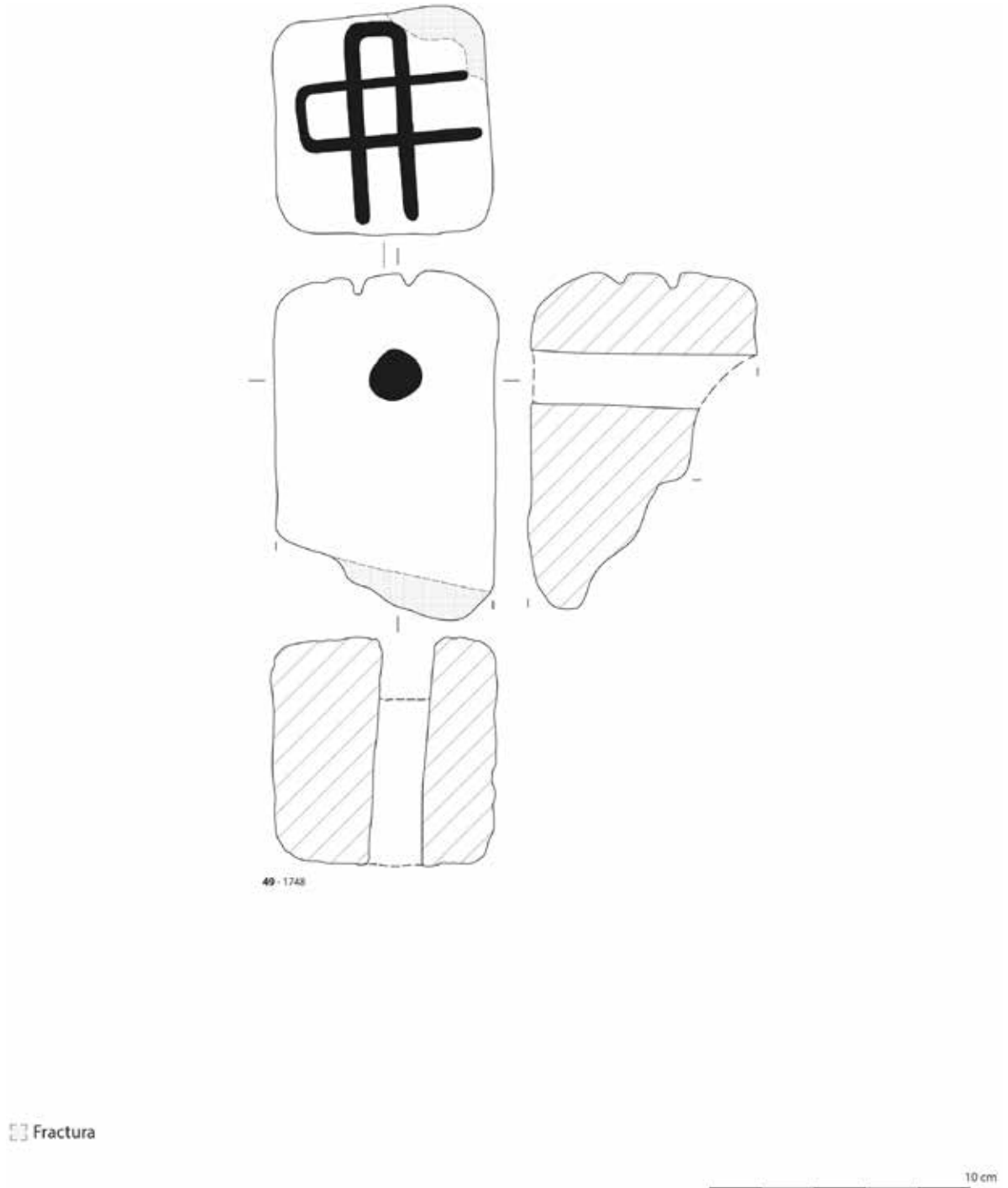
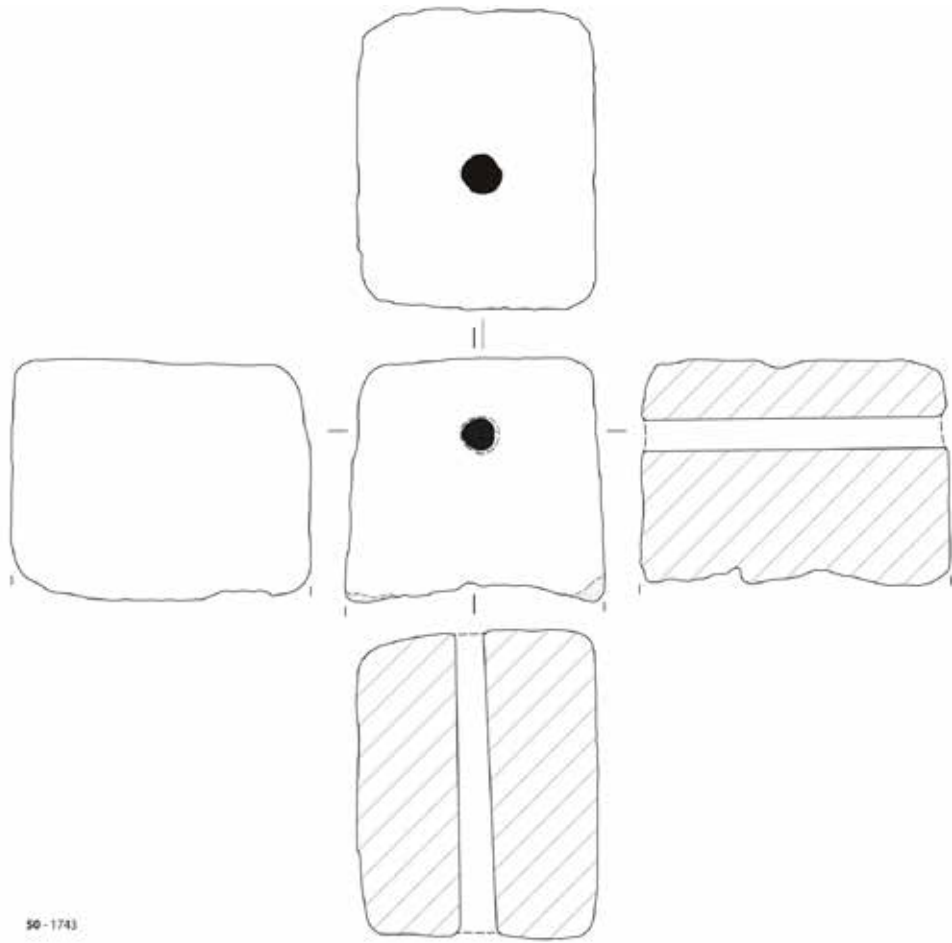


Figura 34
Estampa Tipo 4-2



Fractura

10 cm

Figura 35
Estampa Tipo 4-3

Conclusões

O Monte dos Castelinhos, apresenta características que permitem enquadrá-lo na estratégia de povoamento que se construiu no período romano para este concelho. Os principais elementos para a construção dessa malha de povoamento foram duas vias de circulação, uma terrestre e outra fluvial. Para além desse enquadramento o sítio encontra-se nas proximidades de uma cidade portuária que teve um papel relevante no processo da implementação romana no território peninsular. Esta cidade portuária, conhecida na Antiguidade como *Felicitas Iulia Olisipo*, foi também importante pelo fluxo de gente que por aqui passava, pelo comércio que nela se desenrolava e por ter sido uma plataforma de entrada para o interior do território a nível terrestre e uma plataforma de saída por via marítima para as províncias do mundo romano.

A proximidade com o Tejo e com essa cidade portuária, tal como as condições geográficas do concelho que apontam para a possibilidade de existirem várias *villae* ligadas a outros povoamentos portuários (como é o caso de Povos), são aspectos a ter em conta quando se tenta traçar conceitos para a tipologia do Monte dos Castelinhos durante a ocupação romana.

A ideia de que teria sido uma fortificação romana devido à sua estrutura de implementação no terreno, às malhas defensivas e aos materiais bélicos descobertos ao longo das intervenções arqueológicas. Por outro lado o local apresenta características que apontam para um território portuário com uma possível produção agrícola. Devido ao estudo que foi feito sobre os pesos de tear, pode-se colocar a questão de ter existido neste local um trabalho de manufacturas, destacando-se por enquanto a tecnologia têxtil.

Tendo em conta o significativo número de pesos de tear até à data descobertos e se as escavações que se seguirem revelarem mais elementos ou outros instrumentos da tecelagem e da fição como os cossoiros, o sítio apresentará então condições para se considerar a possibilidade de uma produção têxtil com um intuito comercial e não apenas doméstico, que beneficiaria das condições portuárias do sítio e da proximidade com a estrada romana. Esta ideia de uma produção têxtil com destino ao comércio, enquadrar-se-ia no que foi apresentado no último tópico do trabalho, em que o artesanato e a produção de manufacturas contribuiu para o crescimento de várias cidades das províncias do mundo romano e para o fortalecimento dos contactos com outros povos.

BIBLIOGRAFIA

Cartográfica:

CMP – Esc. 1:25000, folha 390 – Vila Franca de Xira, série M 888, edição 5 – 2009 (Instituto Geográfico do Exército).

CGP – Esc. 1:50000, folha 30-D, Alenquer – 1965 (Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos).

Suporte Documental:

A.A.V.V. (1979) – Trouvailles diverses. Conclusions generales. In ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R., ed. – *Fouilles de Conimbriga*. Paris: De Boccard. Vol. VII, p. 54-84.

ALARCÃO, J. (1974) – *Portugal Romano*. Lisboa: Verbo, p. 64.

ALFARO GINER, C. (1997) – *El tejido en época romana*. Madrid: Arco Libros. 80 p.

CAMACHO, C.; CALAIS, C.; NUNES, G. (1996) – A Presença Romana no Concelho de Vila Franca de Xira: investigar, divulgar e animar. In FILIPE, G.; RAPOSO, J., coord. – *Actas das Primeiras Jornadas Sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado: ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado (1991)*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, p. 179-191.

CARDOSO, J. (2011) – *Arqueologia do concelho de Oeiras: do Paleolítico Inferior arcaico ao século XVIII*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 125-148.

- COIXÃO, A.; NALDINHO, S. (2011) – A Tecnologia Têxtil. In RIBEIRO, J. M. C.; COIXÃO, A. N. S., coord. – *Côavisão: cultura e ciência*. 13. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, p. 85-107.
- FORBES, R. (1964) – *Studies in Ancient Technology*. vol. IV. Leiden: E. J. Brill. 2.ªed, p. 196-243.
- GONÇALVES, A.; CARVALHO, P.; ALARCÃO, J., coord. (2010) – Castelo da Lousa-Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002. In *STVDIA LUSITANA*. 5. Mérida: Artes Gráficas Rejas, p. 324-443.
- MOREL, J. P. (1991) – O Artesão. In GIARDINA, Andrea (direc.) – *O Homem Romano*. VIII. Lisboa: Editorial Presença, p. 181-202.
- PIMENTA, J.; MENDES, H.; NORTON, J. (2008) – O Povoado Tardo-Republicano do Monte dos Castelinhos. *Al-madan*. Almada. Série II, 16, p. 26-37.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2009) – *Relatório da escavação arqueológica do Monte dos Castelinhos 08*. Município de Vila Franca de Xira: Divisão de Patrimónios e Museus. 121 p.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2011) – *Relatório da escavação arqueológica do Monte dos Castelinhos 09*. Município de Vila Franca de Xira: Divisão de Patrimónios e Museus. 130 p.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2011a) – *Relatório da escavação arqueológica do Monte dos Castelinhos 2010*. Município de Vila Franca de Xira: Divisão de Patrimónios e Museus. 116 p.
- PIMENTA, J.; HENRIQUES, E.; MENDES, H. (2012) – *O Acampamento Romano do Alto dos Cacos: Almeirim*. Almeirim: Associação de Defesa do Património Histórico e Cultural de Almeirim, p. 43-65.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2012) – Sobre o povoamento romano ao longo da via de Olisipo a Scallabis. In *CIRA-ARQUEOLOGIA (Actas mesa redonda De Olisipo a Ierabriga)*. Vila Franca de Xira. 1, p. 41-63.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2012a) – *Relatório da escavação arqueológica do Monte dos Castelinhos 2011*. Município de Vila Franca de Xira: Divisão de Patrimónios e Museus. 109 p.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2014) – Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira: um sítio singular para o estudo da romanização do vale do Tejo. In *Actas da II Reunião Científica: As Paisagens da Romanização – Fortins e ocupação do território no séc. II a.C. – I d.C.* (Redondo e Alandroal-2012). [S.l.]: Anejos de Archivo Español de Arqueologia. LXX, p. 125-141.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2014a) – *Relatório Final PNTA Monte dos Castelinhos: Povoamento e Dinâmicas de ocupação em época romana republicana no vale do Tejo. 2010-2013*. Município de Vila Franca de Xira: Divisão de Patrimónios e Museus, p.19.
- SEPÚLVEDA, E.; SANTOS, P.; FERREIRA, M.; FARIA, J. (2007) – Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 5: almofarizes de produção bética, pesos e cossoiros. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:2, p. 255-284.
- SILVA, M.; OLIVEIRA, P. (1999) – Estudo tipológico dos cossoiros do Museu da Sociedade Martins Sarmiento (Citânia de Briteiros, Castro de Sabroso e proveniência diversa). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 2, p. 633-659.



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt



www.museumunicipalvfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira